

UNEafro^{Brasil}



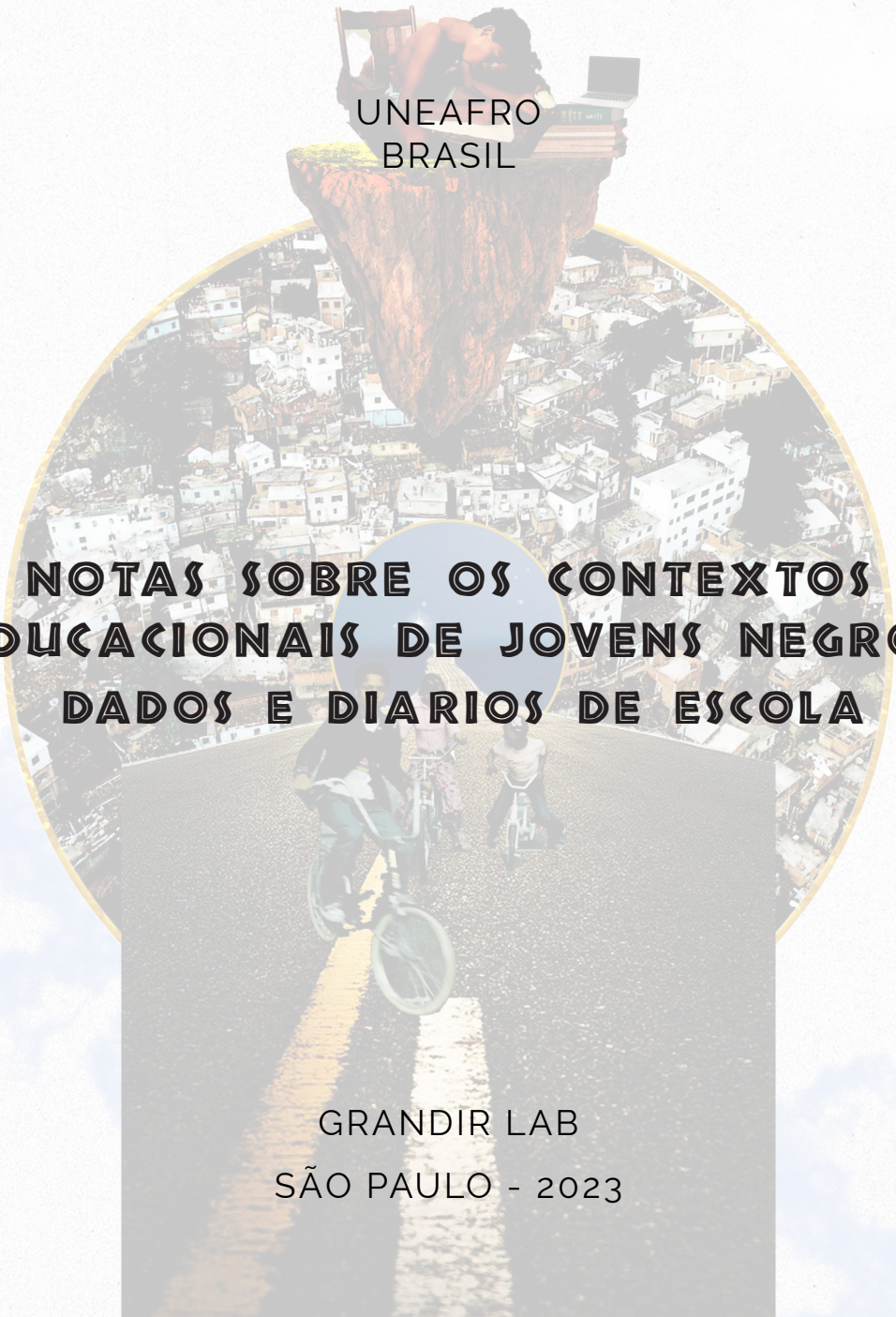
**NOTAS SOBRE OS CONTEXTOS
EDUCACIONAIS DE JOVENS NEGROS:
DADOS E DIÁRIOS DE ESCOLA**

REALIZAÇÃO :



APOIO :





UNEAFRO
BRASIL

**NOTAS SOBRE OS CONTEXTOS
EDUCACIONAIS DE JOVENS NEGROS:
DADOS E DIARIOS DE ESCOLA**

GRANDIR LAB
SÃO PAULO - 2023

Ficha Técnica

Concepção: Adriana de Cássia Moreira

Coordenação geral: Adriana de Cássia Moreira
Douglas Elias Belchior

Assistente de projeto: Cristina Adelina de Assunção

Pesquisadores: Caio Jardim
Dinha (Maria Nilda de Carvalho Mota)
Ivanilda Amado Cardoso
Milena Mateuzi

Projeto Gráfico: Juliana Correia e Daisy Serena

Revisão: Regiane Rodrigues de Oliveira Novais



Co-Fundador: Douglas Belchior

Co-Fundadora: Vanessa Cristina Nascimento

Conselho Geral:

Adriano Souza

Alessandra Pereira Cândido

Arlene Ramos

Beatriz Lourenço Nascimento

Bianca Peçanha

Boris Calazans dos Santos

Cassius Clay

Clayton Belchior

Clicia Oliveira de Campos

Debora Dias

Douglas Belchior

Edison Magalhães Rocha (Júnior)

Edson Soares

Elaine Correia

Elis Regina do Carmo

Fabiola Carvalho

Geovane Doratiotto

Henrique Nicodemo

Jair Vieira

José Henrique Lemos

Julia Gomes

Ledjane Alves

Levi Castro

Luana Vieira

Maira Mantovani

Maurício de Melo

Micael Renan da Silveira

Paulo Pere

Pedro Henrique Alcântara

Sidneia Bueno

Stefanie Felicio

REALIZAÇÃO:



APOIO:



CONHECIMENTO
É PODER

UNEafro^{Brasil}



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO -----	13
--------------------	----

PARTE 1

NOTAS SOBRE OS CONTEXTOS EDUCACIONAIS DE JOVENS NEGROS: HISTORIOGRAFIA E DADOS ESTATÍSTICOS COMO INDICADORES DE COMO O RACISMO SE MANIFESTA NOS SISTEMAS DE ENSINO: JOVENS COMO SUJEITOS HISTÓRICOS, DADOS COMO EVIDÊNCIAS. -----	18
--	----

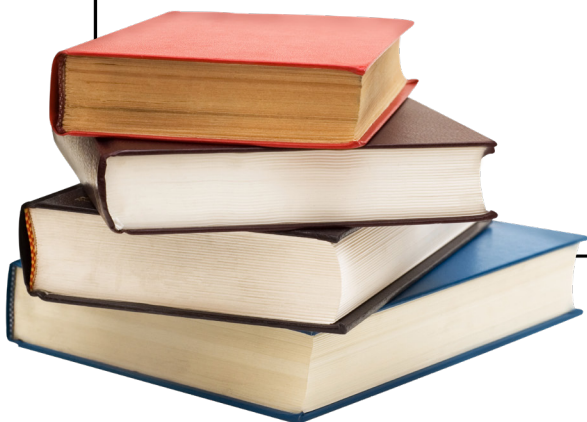
INTRODUÇÃO -----	21
------------------	----

HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA COMO INDICADORES DA PERSISTÊNCIA DO RACISMO NO BRASIL -----	24
---	----

A QUEM SE DESTINAVA A ESCOLA? -----	26
-------------------------------------	----

MARCOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTAS (SÍNTESE) -----	33
--	----

ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS - 2006-----	34
DESAFIOS-----	37
DADOS ESTATÍSTICOS COMO EXPRESSÕES DA PERSISTÊNCIA DO RACISMO NO BRASIL-----	43
JOVENS COMO SUJEITOS HISTÓRICOS: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A VIDA ESCOLAR DO NEGRO	57
RECOMENDAÇÕES-----	61
REFERÊNCIAS -----	67
PARA TODOS OS MENINOS QUE NÃO SE ENQUADRAM NA ESCOLA -----	71



PARTE 2

DIÁRIO DE ESCOLA -----	77
DIÁRIO DE RAYSSA -----	79
DIÁRIO DE LORRAYNE -----	87
DIÁRIO DE PROFESSORA ANDREIA -----	98
DIÁRIO DE PROFESSORA MARIANA-----	102
DIÁRIO DE SANDRIELLE -----	105
SOBRE A UNEAFRO - BR-----	113





Este trabalho pretende contribuir não apenas para a reflexão como também para apoiar o impulsionamento das organizações políticas do movimento negro e antirracistas na elaboração das demandas educacionais da juventude negra no Brasil. Desta forma, não há como não oferecer este trabalho como um tributo aos bebês, crianças, adolescentes e jovens negros e negras que, em virtude do racismo, foram, de alguma maneira, excluídos do acesso ao direito à educação formal, bem como a todas as pessoas que dedicaram e/ou dedicam suas vidas à construção do movimento negro educador, um dos faróis de milha da educação nacional.



conhecimento é poder



**60% DOS JOVENS DE PERIFERIA SEM
ANTECEDENTES CRIMINAIS JÁ SOFRERAM
VIOLÊNCIA POLICIAL**

**A CADA QUATRO PESSOAS MORTAS PELA
POLÍCIA, TRÊS SÃO NEGRAS**

**NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS, APENAS
2% DOS ALUNOS SÃO NEGROS**

**A CADA QUATRO HORAS, UM JOVEM NEGRO
MORRE VIOLENTAMENTE EM SÃO PAULO**

**AQUI QUEM FALA É PRIMO PRETO, MAIS
UM SOBREVIVENTE.**

**CAPÍTULO 4, VERSÍCULO 3
RACIONAIS MC'S**



APRESENTAÇÃO

A **UNEafro** é uma organização do movimento negro que se forja na experiência histórica das reivindicações da população negra pela garantia de seus direitos fundamentais, entre os quais se destacam a luta pela garantia da vida e o direito à educação. Entre as diversas formas de mobilização desenvolvidas pela Unefro-Br, a mobilização de jovens negros e periféricos por meio de cursinhos populares é a ação mais longeva dentre todas as suas ações, de forma que, na atualidade, o trabalho se consolidou como um modelo de sistema de ensino pautado pela Educação das Relações Étnico Raciais que tem como objetivo reorganizar e/ou fortalecer trajetórias acadêmicas de adolescentes e jovens negros/as periféricos/as de modo a alcançarem uma cadeira no ensino superior, acesso ao Ensino Técnico Profissionalizante e /ou a conclusão da Educação Básica por meio do ENCEJA.

Esse sistema de ensino desenvolvido pela UNEafro-BR, que possui material didático próprio e estratégias de mobilização de estudantes e professores, pode ser entendido como um modelo sustentável de política pública que tenha como interesse a promoção de ações de transição da Educação Básica para o Ensino Superior para estudantes negros e periféricos.

Na atualidade, a UNEafro-BR possui 40 núcleos de educação popular espalhados pelas periferias do estado de São Paulo, alguns na baixada fluminense do Rio de Janeiro, outro no Quilombo Rio dos Macacos no

estado da Bahia e, ainda, um núcleo virtual que atende estudantes de todo o Brasil. Para além das turmas de cursinho popular, nestes espaços funcionam diversos tipos de projetos vinculados à educação ambiental (combate ao racismo ambiental), segurança alimentar e a promoção de hortas urbanas, ações vinculadas à litígio estratégico, *advocacy* sempre pautados pela justiça racial.

Neste sentido, a UNEafro-BR se insere na perspectiva histórica do associativismo negro que se mobiliza em torno das agendas vinculadas ao direito à educação e pela garantia do direito à vida, isto é, o combate ao genocídio da população negra. Assim como as Irmandades Negras faziam nos séculos XVII à XIX, que tinham no acesso à educação de seus pares uma de suas pautas prioritárias, a UNEafro-BR segue essa tradição, bem como se dedica a mobilizar, a construir estratégias de ação e articulação que passam pela mobilização popular e das ruas à incidência na construção de políticas no parlamento nacional e internacional. Em suma, a UNEafro-BR tem como missão lutar, por quaisquer meios necessários, para garantir a vida do povo negro.



AS PRÓXIMAS LETRAS

As próximas linhas são resultantes das ações da Uneafro-Br no âmbito do Projeto SETA - Sistema Educacional Transformador e Antirracista, que é uma iniciativa de 6 organizações da sociedade civil da qual a Uneafro-BR também participa juntamente com a CONAQ - Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos, Geledés - Instituto da Mulher Negra, MAKIRA E'TA - Rede de Mulheres Indígenas do Amazonas, Ação Educativa, ActionAid e Campanha Nacional pelo Direito à Educação, instituições essas que constróem em conjunto ações coordenadas para o fortalecimento dos diálogos, da construção coletiva e pública com o intuito de fortalecer a educação para as relações étnico-raciais na perspectiva da equidade racial.

Este livro está dividido em duas partes: a primeira, assim denominada **Notas sobre os contextos educacionais de jovens negros: historiografia e dados estatísticos de como o racismo se manifesta nos sistemas de ensino**, de forma sumária, se propõe, por meio das experiências e contextos educacionais de jovens negros no Brasil, identificar questões vinculadas às desigualdades raciais no âmbito educacional, de maneira que, ao problematizar as desigualdades raciais reveladas pela historiografia da educação e dados educacionais, demonstrar a persistência do racismo no Brasil, apontando para questões cruciais e pontos de inflexão do sistema de ensino nacional. Por fim, desenvolve uma lista de recomendações aos sistemas de ensino para combater as desigualdades raciais.

A segunda parte do livro, à partir de um exercício de escuta de jovens negros e negras que foram excluídos, não apenas mas também, do sistema de ensino, de forma a considerá-los enquanto sujeito da aprendizagem, vítimas do sistema de dominação racial que se operacionaliza, também, nas escolas brasileiras. As vozes desses sujeitos são tão relevantes quanto a produção de dados estatísticos, justamente porque constroem o cenário da vida cotidiana e dão a exata dimensão do impacto das violações de direitos no campo da educação sobre as trajetórias de vida da população.

Com o objetivo de evitar processos de revitimização, isto é, o fomento de fenômenos por meio do qual a vítima experimenta um sofrimento continuado e repetitivo, mesmo após cessada a violência originalmente sofrida, os testemunhos obtidos por meio das entrevistas e grupos focais serviram de insumos para que a escritora e poeta Dinha (Maria Nilda de Carvalho Mota) pudesse desenvolver os **Diários de Escola**, textos literário pautados em experiências educacionais de jovens negros, demarcada por violações de direitos.



conhecimento é poder



**NOTAS SOBRE OS CONTEXTOS
EDUCACIONAIS DE JOVENS NEGROS:
HISTORIOGRAFIA E DADOS
ESTATÍSTICOS COMO INDICADORES DE
COMO O RACISMO SE MANIFESTA NOS
SISTEMAS DE ENSINO**

**JOVENS COMO SUJEITOS HISTÓRICOS,
DADOS COMO EVIDÊNCIAS.**



**"HÁ O TEMA
DO NEGRO E
HÁ A VIDA
DO NEGRO".**

**GUERREIRO
RAMOS**





INTRODUÇÃO

Nesta Nota Técnica refletimos sobre as experiências e contextos educacionais de jovens negros, de forma a problematizar as desigualdades raciais reveladas pela historiografia da educação e dados educacionais como indicadores da persistência do racismo no Brasil e, portanto, reveladores de como o racismo constrói desigualdade no campo educacional.

A partir da compreensão de que



[...] o conhecimento histórico é ferramenta indispensável para o combate aos mecanismos legais, pedagógicos, administrativos e políticos que foram e ainda são adotados pelos sistemas de ensino para impedir o acesso de pessoas negras à educação regular e formal" (Cavalleiro, 2005, p. 9),

Nos apoiamos na historiografia da educação, para adensarmos reflexões sobre as interdições, exclusões e proibições educacionais que provocaram desigualdades históricas, ainda persistentes no sistema educacional brasileiro, apesar de identificarmos alguns avanços nos marcos legais, pós-abertura política, como, por exemplo, na Constituição Federal de 1988 e a LDB nº 9394/96 alterada pela Lei nº 10.639/03.

Partimos do entendimento de que as desigualdades raciais na educação, explícitas nas taxas de atendimento escolar, rendimento, evasão escolar, conclusão do ensino médio e ingresso no ensino superior, bem como outros desafios identificados em diversos setores sociais como



emprego e renda, saúde e habitação, são problemas relacionados a uma mesma causa raiz, o racismo. Por isso a nossa defesa é a de que as análises dos dados educacionais e demais esferas sociais que constituem as realidades da população negra demandam o uso de referenciais teóricos e metodológicos que possibilitem estabelecer correlações e compreensões, localizando o racismo como fenômeno social que expõe não-brancos “[...] a desvantagens cumulativas ao longo das fases do ciclo de vida individual, e que essas desvantagens são transmitidas de uma geração a outra” (Hasenbalg, ano, p. apud Guimarães, 2006, p. 261).

**MAS, INSISTO, PRETOS E PARDOS
ESTÃO EXPOSTOS A DESVANTAGENS EM
TODAS AS ETAPAS DO CICLO DE VIDA**

(HASENBALG APUD GUIMARÃES, 2006, P. 263)





HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA COMO INDICADORES DA PERSISTÊNCIA DO RACISMO NO BRASIL

A população negra historicamente tem sido aliada dos processos educacionais, somando o grupo que mais enfrenta dificuldades para acessar e usufruir direitos. A história da educação e os dados estatísticos são indicadores de como o estado “[...] foi forjando e normatizando juridicamente a exclusão da população negra das políticas educacionais” (Passos, 2012, p. 153).

“A construção das desigualdades educacionais, quer seja no âmbito do legislativo, quer seja na ausência de condições materiais plenas para o exercício do direito, reflete-se até hoje nos indicadores de analfabetismo, de reprovação e evasão escolar, e no perfil do público da EJA. Portanto, essa realidade foi sendo construída durante o período de transição do trabalho escravo para o trabalho livre, no século XIX, e ganhando proporções gigantescas de desigualdades educacionais e sociais no século XX.

Os séculos de escravidão no Brasil determinou quais seriam os conhecimentos válidos e, sob as bases epistemológicas eurocêntricas, negou os saberes dos povos africanos, afro-brasileiros e povos originários. Esse processo Sueli Carneiro define como epistemicídio.

Portanto, quando tratamos de taxas de analfabetismos, defasagem de aprendizagem e outros indicadores de rendimento educacionais, é preciso



lembrar que a educação ocidental é imposta nos contextos coloniais, está sustentada em culturas impostas pelo homem europeu e colonizador que, na relação de poder, validou quais conhecimentos os grupos colonizados deveriam acessar.

O acesso à cultura letrada enquanto meio para emancipação, liberdade, organização de lutas e sobrevivência, em contextos de opressão e subalternização, foram controlados, pois

“

[...] como naquele período [século XIX] a escolarização era um elemento que passava a estruturar a sociedade, a autora destaca que barrar o acesso à cultura letrada significava manter a superioridade, a cidadania como atributo dos brancos, daí a existência de mecanismos de discriminação em relação a alunos negros nas escolas oficiais (Romão, 2005, p. 12- 13).

O Brasil, colonial e império, acumulou muitas histórias de interdições, proibições e exclusão da população negra da educação, mesmo quando são observados avanços legais, no século XIX. A Constituição Federal de 1824, por exemplo, declarou a todos os cidadãos o direito à instrução primária gratuita (Passos, 2012).



A QUEM SE DESTINAVA A ESCOLA?

Esta é a pergunta nada retórica da pesquisadora Joana Célia dos Passos. A resposta da autora nos possibilita compreender que ao longo da história o acesso à educação não era para todos:

“

a titularidade da cidadania, definida constitucionalmente, era restrita aos livres e aos libertos e valia tanto para a educação das crianças quanto para jovens e adultos. Para escravos e indígenas, além do trabalho pesado, bastava a doutrina aprendida na oralidade e a obediência pela violência física ou simbólica (Passos, 2012, p. 139).

Silva e Araújo reafirmam essa determinação excludente prevista na Constituição Federal de 1824

a população escrava era impedida de frequentar a escola formal, que era restrita, por lei, aos cidadãos brasileiros – automaticamente esta legislação (art. 6, item 1 da Constituição de 1824) coibia o ingresso da população negra escrava, que era, em larga escala, africana de nascimento (2005, p. 68).

Segundo Passos (2012) as interdições e proibições de acesso à educação e outros bens sociais para a população negra e indígena são reproduzidas em outros dispositivos imperiais como a Lei ° 1, de 14 de janeiro de 1837 que assevera que "são proibidos de frequentar as escolas públicas: Primeiro: Todas as pessoas que padecem de moléstias contagiosas. Segundo: os escravos e os pretos africanos, ainda que sejam



livres ou libertos" (Fonseca, 2002, p. 12 apud Passos, 2012, p. 139) A Lei de Terras, Lei nº 601/1850, também revela as desigualdades históricas forjada e normatizada por dispositivos jurídicos que interditou a população negra de acessar condições de vida e infraestruturas básicas à sobrevivência



a promulgação desse ato legislativo, ao definir a compra como única forma de aquisição de terra, impediu a emergência de um sistema econômico que absorvesse a mão de obra livre, pois, ao dificultar o acesso a terra, fez com que o trabalhador livre não tivesse uma alternativa senão permanecer nas fazendas, submetido à grande propriedade e afastado do processo de participação nos setores dinâmicos da economia (Theodoro, 2008, p. apud Passos, 2012, p. 148).

O acesso à moradia e habitação são necessidades básicas que não estão deslocadas das discussões educacionais, o acesso ou não a moradia com condições mínimas para se viver em família e a qualidade dos vínculos familiares são fatores que atravessam a vida escolar dos indivíduos, portanto, incidem diretamente no processo de escolarização. Desta forma, a Lei de Terras, Lei nº 601/1850 promoveu impacto, não somente, mas aqui destacamos no campo educacional, na medida que impediu o acesso da população negra às terras para constituição de moradia e de trabalho, condições fundamentais para o fortalecimento de trajetórias educacionais.

Em 1854, a reforma de Couto Ferraz (decreto 1.331A de 17 de fevereiro de 1854) instituía a obrigatoriedade da escola primária para crianças maiores de 07 anos e a gratuidade das escolas primárias e secundárias da Corte (Silva; Araújo, 2005, p.), mas apesar do aparente avanço, podiam



acessar as escolas primárias negros libertos e de famílias "de uma maneira geral, essa reforma educacional previa a exclusão dos negros escravos, adultos e crianças, além de associá-los às doenças contagiosas da época, provavelmente a varíola e a tuberculose" (Silva; Araújo, 2005, p. 68).

Passos (2012) destaca que a Lei do Ventre Livre foi um marco que alavancou as discussões sobre abolição e educação, mas assim como outras legislações manteve mecanismos coloniais que interditaram o acesso à educação da população negra

“ a Lei do Ventre Livre, aprovada em 28 de setembro de 1871, estabeleceu que as crianças, nascidas após a publicação da Lei, fossem entregues pelos proprietários aos cuidados do Estado, mediante indenização, para serem educadas. Aquelas que não fossem entregues mantinham-se como escravas até os 21 anos. Entretanto, os registros da época mostram que um número muito abaixo do contingente de crianças existente foi entregue. Do total das 403.827 crianças matriculadas, entre 1871 e 1885, apenas 113 foram entregues ao Estado, mediante indenização (Fonseca, 2002, p. apud Passos, 2012, p. 142).

A Lei do Ventre Livre, como um dos primeiros documentos oficiais a pautar a educação da população negra, alavancou o debate sobre abolição e educação. Nesta legislação havia a projeção da elite branca sobre os rumos da população negra livre, o contexto social decorrentes das lutas abolicionistas e revoltadas iniciadas em todo país, exigia da elite branca dirigente projetar uma transição para a sociedade livre em que a educação,



como estratégia disciplinar, fosse ponte para assegurar a manutenção das estruturas sociais (Passos, 2012, p.).

O Decreto nº 7.031, de 6 de setembro de 1878, criado para regulamentar os cursos noturnos, tinha como finalidade manter a ordem disciplinar e inculcar preceitos de "moralidade" e "civildade". A instrução e o trabalho eram considerados antídotos contra o crime e o vício. Para frequentar esses cursos era preciso ser livres e libertos, além de ser também necessário a comprovação de uma ocupação profissional.

As iniciativas e intervenções educacionais encampadas por diversas personalidades negras e sociedades secretas são reveladoras das estratégias de resistência às interdições educacionais: o professor Pretextato que, em 1855, abriu uma escola para meninos pretos e pardos, no Rio de Janeiro e Negro Cosme (1800 ou 1802-1842), um líder na Guerra Quilombola Balaiada (1838- 1841), fundou uma escola para escravizados no Quilombo da Fazenda Lagoa-Amarela, no Maranhão (1838-1841). Podemos citar também a história de Balbina Gomes da Graça, uma mulher negra letrada em 1820, fundou a Escola Perseverança para meninas, na cidade de Campinas, em 1860.

Após o período Colonial e Império, algumas reformas na educação marcaram as tentativas de regulamentação do ensino no Brasil república. Silva & Araújo destacam as reformas Benjamin Constant, Decreto Nacional nº 981/1890, reforçando a disciplina Moral e Cívica que, entre outras coisas, estabeleceu punições; as situações de violência acarretavam expulsão e



encaminhamento para a polícia. Silva; Araújo também destacam outras reformas, como a Eptácio Pessoa, Rivadávia Corrêa, Carlos Maximiliano e João Luís Alves, o ponto comum, entre elas, é o fato de que

“na (re)leitura das reformas educacionais dos séculos XIX e XX, deduz-se que a população negra teve presença sistematicamente negada na escola: a universalização ao acesso e a gratuidade escolar legitimaram uma “aparente” democratização, porém, na realidade, negaram condições objetivas e materiais que facultassem aos negros recém-egressos do cativeiro e seus descendentes um projeto educacional, seja este universal ou específico (Silva; Araújo, 2002, p. 71).

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, encampado por Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, dentre outros educadores, foi de fundamental importância para as reformas educacionais. A educação na perspectiva desses educadores era vista como o problema mais emergente do país. Portanto as propostas formuladas propuseram mudanças radicais. A escola laica, gratuita e obrigatória é a tríade que define as principais reivindicações dos Pioneiros. Segundo Dávila (ano), o pensamento racial ajudou a guiar as políticas públicas forjadas pelos reformadores da educação na primeira metade do século XX. Para o autor, as ideias eugênicas, nacionalista e de celebração das misturas raciais, avalizada por teóricos como Gilberto Freyre, contribuíram para as persistentes desigualdades raciais (Dávila, 2006, p. 29).

Essa breve digressão permitida pela historiografia da educação registra evidências históricas de que o quadro de desigualdades abissais



que enfrentamos hoje na educação brasileira, sem cometer anacronismos históricos, são também reflexões das interdições e proibições na educação da população negra e indígena, que foram forjadas e normatizadas sistematicamente pelo estado brasileiro ao longo da história (Passos, 2012, p.) e persiste arraigada no sistema educacional.

O Estado Brasileiro segue forjando e normatizando a exclusão dessa população, mantendo o status quo e aprofundando desigualdades, escamoteadas em redações legais que afirma "garantir a oferta de educação de qualidade a todos os jovens brasileiros e de aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade" (BRASIL/ MEC, ano, p.).





MARCOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTAS

(S Í N T E S E)

Constituição Federal de 1988

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Conferência Mundial da ONU Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata foi realizada em Durban, África do Sul, de 31 de agosto a 8 de setembro de 2001.

LEI no 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Parecer CNE/CP n.º 3, de 10 de março de 2004 e a Resolução CNE/CP n.º 1, de 17 de junho de 2004 - Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.



ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS - 2006

Publicação organizada pela Secad (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade) do MEC (Ministério da Educação) a partir de resultado de grupos de trabalhos constituídos entre 2004 e 2005 por estudiosos e educadores em diferentes regiões do país, tendo como público-alvo professores. O documento traz uma seção específica para a educação infantil.

Parecer 02/2007 CNE/CEB - Abrangência da incidência das DCNERER (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais) e para o ensino de história e cultura afro-brasileira

A partir do questionamento de dois atores importantes no âmbito da educação infantil – o Mieib (Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil) e o Ceert (Centro de Estudos de Relações de Trabalho e Desigualdades) –, a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação esclarece que a educação infantil é público alvo da implementação das diretrizes curriculares e reconhece a importância de emitir esse parecer, diante dos hiatos em relação à implementação da lei e das diretrizes nas diferentes etapas da educação.



Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. -2009

Documento fruto de encontros regionais realizados para discussão da implementação da educação das relações étnico-raciais, visando sistematizar as orientações legais anteriores e trazer as competências e responsabilidades de cada ente federado e sistema de ensino para a implementação das diretrizes.

Publicação do documento "Indicadores de qualidade na Educação Infantil", pelo Ministério da Educação - 2009

Paralelamente às ações da consultoria iniciada em 2007, a Coedi convidou o Ceert para participar do grupo de trabalho para elaboração do documento, a fim de que dimensões relativas à educação para as relações étnico-raciais fossem consideradas.

LEI Nº 12.288, DE 20 DE JULHO DE 2010 - Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003.

LEI Nº 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012 - Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.

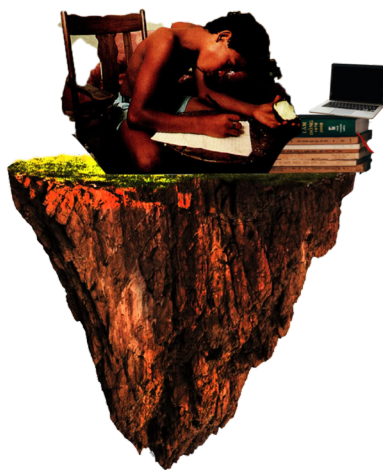


Plano Nacional de Educação (2014 – 2024). Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências.

META 8 Elevar a escolaridade média da população de 18 (dezoito) a 29 (vinte e nove) anos, de modo a alcançar, no mínimo, 12 (doze) anos de estudo no último ano de vigência deste Plano, para as populações do campo, da região de menor escolaridade no País e dos 25% (vinte e cinco por cento) mais pobres, e igualar a escolaridade média entre negros e não negros declarados à Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Parecer CNE/CEB nº 14/2015, aprovado em 11 de novembro de 2015 - Diretrizes Operacionais para a implementação da história e das culturas dos povos indígenas na Educação Básica, em decorrência da Lei nº 11.645/2008.

Portaria normativa nº 13, de 11 de maio de 2016 – Dispõe sobre a indução de ações afirmativas na pós-graduação.



DESAFIOS

O Resumo Técnico do Censo Escolar 2022, indica que no ano de 2022, registraram-se 47.4 milhões de matrículas nas 178,3 mil escolas de educação básica no Brasil. A ausência da informação de cor/raça em nível nacional é de 27,5% considerando todas as etapas da educação básica. Fonte: Resumo Técnico do Censo Escolar 2022.

Dos 10 milhões de jovens brasileiros entre 14 e 29 anos que deixaram de frequentar a escola sem ter completado a educação básica, mais de 70% são pretos e pardos (PNAD Educação 2019).

Mais de 1,2 milhão dos estudantes reprovados no Brasil eram pretos e pardos (Unesco, Censo Educacional, 2019).

Dos 912.527 estudantes excluídos do ambiente escolar no ano de 2018, 453.331, 39,84%, eram pretos e pardos. (Unesco, 2019)

Metade dos alunos que foram excluídos do ambiente escolar em 2019 eram pretos ou pardos (Unesco, Censo Educacional, 2019)

Mais de 453 mil estudantes pretos e pardos deixaram de frequentar escolas estaduais e municipais em todo país em 2018. (Unesco, 2019)



Em 2022, apenas seis a cada dez jovens negros concluíram ensino médio – Todos pela Educação. (PNAD Educação 2019)

Na EJA as matrículas de pessoas autodeclaradas pretos e pardas, representam 77,5% na EJA de nível fundamental e 69,3% da EJA de nível médio. (Relatório do Censo Escolar 2022)

Entre os brasileiros de 14 a 29 anos, 20,2% não completaram alguma das etapas da educação básica em 2019. Desse total, 71,7% eram pretos ou pardos (IBGE, 2020). Fonte: Atlas da Juventude 2021.

Entre as mais de 748 mil pessoas encarceradas no país, segundo dados do Infopen 2019 (sistema de informações estatísticas do sistema penitenciário brasileiro), 64% são negras, 54% têm entre 18 e 29 anos e apenas 51% terminaram o ensino fundamental. Fonte: Atlas da Juventude 2021

Os meninos têm uma probabilidade 64% maior de serem reprovados do que as meninas (Unesco, Censo Educacional, 2019)

Entre as mais de 748 mil pessoas encarceradas no país, segundo dados do Infopen 2019 (sistema de informações estatísticas do sistema penitenciário brasileiro), 64% são negras, 54% têm entre 18 e 29 anos e apenas 51% terminaram o ensino fundamental. Fonte: Atlas da Juventude 2021



São também os meninos os mais afetados pelo atraso escolar, eles têm 43% maior probabilidade de estar em situação de distorção idade-série do que as meninas. (Unesco, Censo Educacional, 2019)

Entre os brasileiros de 14 a 29 anos, 20,2% não completaram alguma das etapas da educação básica em 2019. Desse total, 71,7% eram pretos ou pardos (IBGE, 2020a). Fonte: Atlas da Juventude 2021.

A evasão escolar de meninos negros tende aumentar nos anos finais do Ensino Fundamental.

Quando observados os níveis de proficiência dos(as) estudantes meninos negros, que já haviam sido reprovados e NSE mais baixo do 5º ano do Ensino Fundamental II, apenas 20,6% atingiram o nível adequado de aprendizagem;

De acordo com os dados da Prova Brasil, do ano de 2017, relativos ao Fundamental I, entre os meninos negros 32% já haviam sido reprovados ao menos uma vez, enquanto apenas 18% dos estudantes brancos encontravam-se nesta condição.

No Ensino Fundamental II a situação se repete, 25% dos estudantes meninos brancos já haviam sido reprovados enquanto 37,2% dos estudantes meninos negros encontravam-se nesta condição.



Apenas 8% das secretarias de educação têm orçamento para ensino sobre relações étnico-raciais. Fonte: Geledés e Instituto Alana

Mais de 70% das cidades não cumprem o que dispõe o artigo 26-A da Lei nº 9394/96 alterado pela Lei nº 10.639/03. Fonte: Geledés e Instituto Alana.

Na cidade de São Paulo, a média de idade dos entregadores ciclistas de aplicativos é de 24 anos, sendo que 50% do total têm até 22 anos, segundo a pesquisa realizada pela Aliança Bike em 2019. Ainda com base nesta pesquisa, observa-se que 40% dos entregadores têm somente o ensino fundamental e que 71% deles são negros (pretos e pardos). Fonte: Atlas da juventude 2021.

O perfil presente na população carcerária se assemelha à realidade socioeducativa no tocante ao perfil racial (63,64% de pretos e pardos) e à grande predominância do sexo masculino (94,43%). Fonte: Atlas da juventude 2021.

Em 2019, 74,4% das vítimas de violência letal no Brasil, eram negras e 51,6% eram jovens de até 29 anos - Dados do infográfico do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, publicado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em 2020. Fonte: Atlas da Juventude.

Em 2019, ocorreram 45.503 homicídios no Brasil - 77% das vítimas de homicídio no Brasil são negras (Atlas da Violência - 2021)



333.330 adolescentes e jovens assassinados (15 a 29 anos) entre 2009 e 2019, sendo 53% das vítimas de homicídio do período. (Atlas da Violência – 2021).

2.074 indígenas foram assassinados entre 2009 e 2019 - A taxa de mortalidade de indígenas em 2019 foi de 18,3 por 100 mil. Atlas da Violência – 2021.

50.056 assassinatos de mulheres entre 2009 e 2019 - 67% das vítimas de homicídio em 2019 eram negras- Atlas da Violência – 2021

Apenas 8% das secretarias de educação têm orçamento para ensino sobre relações étnico-raciais. Fonte: Geledés e Instituto Alana

Mais de 70% das cidades não cumprem o que dispõe o artigo 26-A da Lei nº 9394/96 alterado pela Lei nº 10.639/03. Fonte: Geledés e Instituto Alana.





DADOS ESTATÍSTICOS COMO EXPRESSÕES DA PERSISTÊNCIA DO RACISMO NO BRASIL

Em estudo anterior, organizado pela UNEAFRO[1], buscamos mapear as relações matemáticas entre os indicadores educacionais dos jovens negros do município de São Paulo, baseados nos seus territórios de estudo e as taxas locais de homicídios. A análise primordial estava direcionada à evasão escolar, mas outros indicadores de interesse incluíram: a distorção idade-série, as taxas de reprovação e o abandono escolar. Os distritos de São Paulo foram a unidade geográfica de análise previamente definida. O relatório descreveu o processo de busca por dados que pudessem trazer alguma elucidação sobre o processo de exclusão racial no espaço escolar, considerando a população negra do município de São Paulo. Para a análise das taxas locais de homicídio, foram utilizados os dados de 2018, disponíveis no Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade da Prefeitura de São Paulo (PRO-AIM) e, para análise dos dados educacionais, utilizou-se o banco de dados de 2018 do Censo Escolar.

Uma das questões principais da análise foram as limitações metodológicas. Análises post-hoc de bancos de dados públicos baseiam-se sobretudo em dados sobre fenômenos que já ocorreram. Este é o caso dos dados de homicídios e do Censo Escolar. Esta limitação temporal impede que sejam feitas análises individualizadas, atualizáveis e historicizadas sobre indivíduos. Uma segunda limitação está na disponibilização dos dados. Como os dados de escolaridade e de mortalidade são analisados



de forma agregada a nível do distrito e anonimizada, não é possível que sejam fragmentados e relacionados numa cadeia temporal. Isto torna impraticável que se usem técnicas estatísticas que estabeleçam cadeias temporais de processo. Por último, pelo fato dos dados não serem obtidos diretamente das fontes (alunos), não podemos desenhar pesquisas experimentais ou de coorte que estabeleçam relações de causalidade ou quase causalidade.

No estudo não foi possível calcular as taxas de evasão escolar desagregadas por raça, sexo ou área de residência. O Censo Escolar fornece dados públicos sobre a evasão apenas através de cálculos agregados disponíveis em tabelas e não em bases de dados abertas. Acrescente-se que os dados disponíveis sobre as taxas de abandono escolar só estão disponíveis através de acesso credenciado pelo INEP. Na revisão da literatura, não foram encontradas análises de evasão escolar recorrendo aos microdados do Censo Escolar, tendo especialmente em conta que em virtude das questões de confidencialidade não é possível identificar estudantes entre um ano e outro. Quando os dados são analisados para analisar as taxas de evasão, não provêm diretamente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) vinculado ao Ministério da Educação – MEC/INEP.

Os microdados da Educação produzidos pelo INEP/MEC, consiste em uma fonte detalhada dos dados educacionais que permitia compreensão da realidade educacional de alunos e professores da educação básica e situação dos estudantes participantes no ENEM, mas, a partir de 2018,



passou a não se possível acessá-los por conta de uma interpretação restritiva da Lei n.º 13.709, de 14 de agosto de 2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – LGPD). Cabe dizer que o acesso aos microdados da Educação, produzidos a partir do SAEB e do Censo Escolar representam um material de grande importância para a construção de painéis relativos às diversas questões que o Estado brasileiro ainda não se debruçou.

A desagregação dos dados educacionais por cor/raça é de suma importância para compreensão da realidade educacional de grupos étnico-raciais, produção de pesquisas e formulação de políticas públicas. Resguardadas as suas justificativas técnicas e legais definidas pela LGPD, as dificuldades de acesso aos dados racializados, pode dificultar a compreensão sobre as desigualdades raciais na educação, contribuindo para a persistência dos mecanismos racistas presentes no sistema de ensino brasileiro.

O estado brasileiro não tem se interessado em construir análises mais substantivas da condição da população negra brasileira na Educação Básica. Por exemplo, o monitoramento do IDEB não é suficiente para que um retrato sustentável das desigualdades possa ser consolidado, sendo assim, a maneira como a LGPD foi operacionalizada no acesso aos microdados da educação impõe barreiras econômicas aos pesquisadores independentes e às organizações dos movimentos sociais interessados em produzir suas pesquisas a partir de suas matrizes de interesses porque, para conseguir utilizar a sala disponível para acessar os microdados no INEP é necessário orçamento para o pagamento de diárias de viagem e estadia em Brasília



para que o profissional que irá acessar esses dados nas dependências do INEP possa realizar seu trabalho.

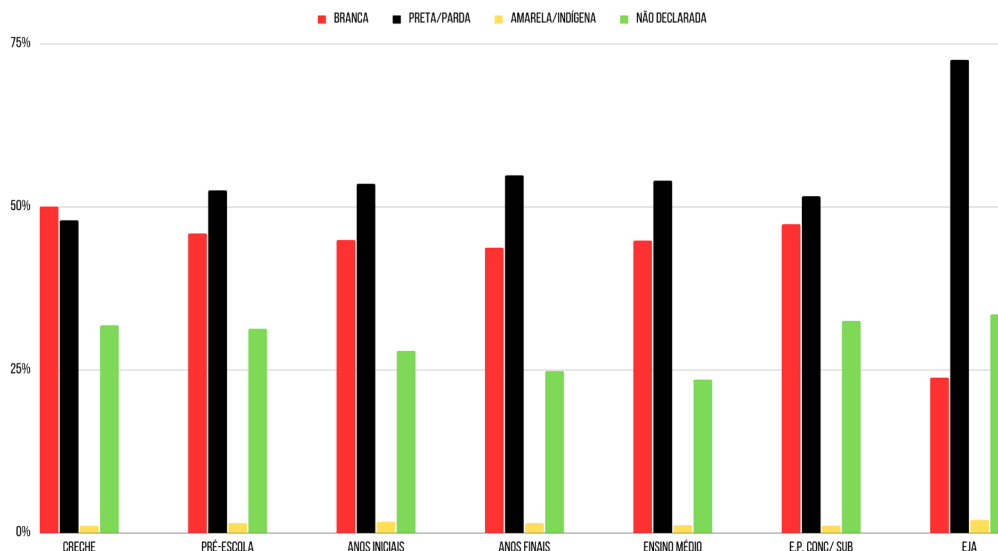
Diante desta problemática, dada a dificuldades de acessar os dados desagregados por cor/raça referente ao ano de 2022, recorremos aos documentos oficiais do INEP e destacamos outras fontes e pesquisas secundárias produzidas por diversos setores educacionais, para apresentar informações sobre o atual contexto educacional de jovens negros.

No Resumo Técnico do Censo Escolar da Educação 2022 (Diretoria de Estatísticas Educacionais DEE do INEP), podemos acessar dados quantitativo e as características gerais das principais estatísticas (matrículas, docentes, gestores e escolas) distribuídas para as diferentes etapas da educação básica (educação infantil, ensino fundamental – anos iniciais e finais, ensino médio, educação profissional e educação de jovens e adultos). Elaborado para ser um documento de referência geral e de consulta para gestores dos sistemas de ensino, técnicos dos órgãos de gestão da política educacional no âmbito federal, estadual e municipal, estudantes e acadêmicos de graduação e pós-graduação, pesquisadores e demais interessados".

O resultado do Censo Escolar de Educação Básica, indica que, no ano de 2022, registraram-se 47,4 milhões de matrículas nas 178,3 mil escolas de educação básica no Brasil, cerca de 714 mil matrículas a mais em comparação com o ano de 2021, o que corresponde a um aumento de 1,5% no total.



A desagregação das taxas de matrícula por cor/raça, indica que há um acesso desigual por cor/raça na educação infantil e maior percentual de pretos e pardos na educação de jovens e adultos (EJA), que representam um percentual de 74,2% dos alunos.



PERCENTUAL DE MATRÍCULAS, POR COR/RAÇA, SEGUNDO AS ETAPAS DE ENSINO - BRASIL - 2022

Os indicadores educacionais apontam avanços no perfil de acesso à educação no Brasil. Apesar do quadro de desigualdade racial entre negros e brancos no acesso à creche, políticas de universalização da

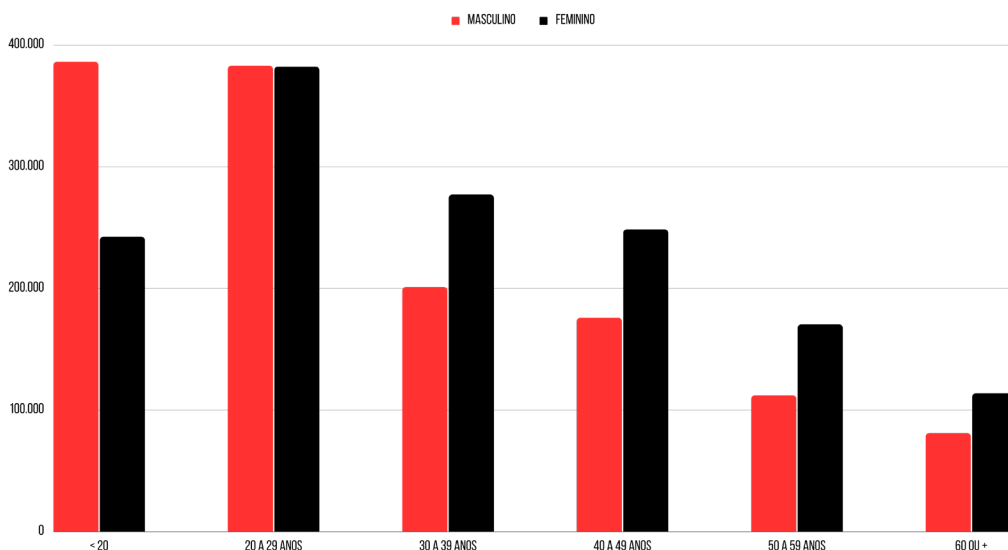


educação têm mudado o perfil de matrículas a partir da pré-escola e o ensino fundamental consolida-se como etapa praticamente universalizada (Censo Escolar, 2022). A concentração de matrículas de pretos e pardos na EJA pode ser analisada como um reflexo das desigualdades educacionais enfrentadas pela população negra ao longo da história, se constituindo como uma modalidade educacional propícia, [...] para o enfrentamento dos históricos índices de desigualdade, exclusão, discriminação racial e injustiça presentes nas trajetórias de escolarização e de vida de significativa parcela da população negra" (Passos, 2012). Considerando a EJA como canal para correções de rotas das desigualdades históricas, a autora defende que a EJA deve estar articulada com outras políticas públicas que tenham como objetivo reduzir as disparidades sócio-raciais na sociedade brasileira.

O maior percentual de pretos e pardos na educação de jovens e adultos (EJA), de 74,2% em comparação com as demais etapas da educação, pode ser uma indicação do alto índice pessoas negras que acessam pela primeira vez a escola, dado as interdições e limitações históricas no acesso à escola, bem como expressa movimentações de jovens e adultos evadidos, retornando à escola após processos excludentes, gerados por diferentes fatores sociais, dentre eles os efeitos do racismo.



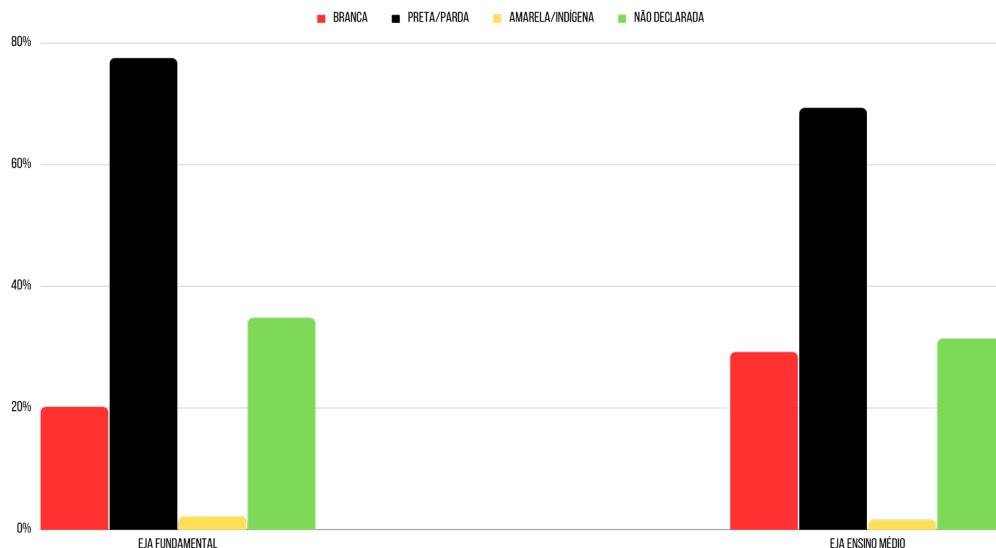
Quando desagregamos as taxas de matrícula por faixa etária e sexo, o Censo Escolar aponta que a EJA é composta, predominantemente, por alunos com menos de 30 anos, que representam 50,3% das matrículas. Nessa mesma faixa etária, os alunos do sexo masculino são maioria, 55,0%. Por outro lado, observa-se que as matrículas de estudantes acima de 30 anos são predominantemente compostas pelo sexo feminino, 58,9%.



NÚMERO DE MATRÍCULAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, SEGUNDO A FAIXA ETÁREA E O SEXO - BRASIL 2022

Os autodeclarados pretos e pardos, matriculados(as) nessa modalidade, representam 77,5% na EJA de nível fundamental e 69,3% da EJA de nível médio.





PERCENTUAL DE MATRÍCULAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE NÍVEL FUNDAMENTAL E DE NÍVEL MÉDIO, SEGUNDO A COR / RAÇA - BRASIL 2022

As taxas de matrículas na EJA também são uma demonstração dos resultados do esforço da sociedade civil e pesquisadores que vêm pautando a importância da EJA e a resposta da política educacional em democratizar o ensino, bem como releva que a população amplia compreensões sobre a educação como direito e dever do estado, sendo a escola um espaço gerador de oportunidades.



É consenso, entre as pesquisas desenvolvidas por diversos setores que se interessam pela temática da redução das desigualdades no campo da educação, que acesso, permanência, trajetória e aprendizagem são os indicadores necessários para o desenvolvimento das análises que tendem a impulsionar o desenvolvimento das políticas públicas. As desigualdades raciais, quando analisados os indicadores de permanência e trajetória, indicam, a respeito do percentual de matrículas de jovens de 15 a 17 anos no Ensino Médio, a porcentagem de jovens brasileiros de 19 anos que já concluíram o ensino médio, no período analisado, que compreende a década de 2012 a 2022. O estudo identificou que há um distanciamento de uma década para alcance de taxas de matrículas entre estudantes negros (pretos e pardos) e estudantes brancos:

“

Avançamos na última década com diminuição das desigualdades: em ambos os indicadores analisados, observa-se um aumento das porcentagens para jovens de todas as raças/cores entre os anos de 2012 e 2022, com destaque para o crescimento entre os pretos, que foi de 19 pontos percentuais (p.p.) na taxa de matrículas e 29 p.p. na conclusão do Ensino Médio. Já os pardos, apresentaram um crescimento de 16 p.p. e 20 p.p., respectivamente.

Contudo, existe um caminho grande a percorrer. Hoje, os indicadores para os jovens pretos e pardos são os mesmos que os brancos possuíam há uma década: para pretos e pardos, a taxa de matrículas no Ensino Médio entre jovens de 15 a 17 anos e a parcela de jovens de 19 anos que já haviam completado o Ensino Médio, em 2022, alcançaram as porcentagens vistas entre jovens brancos há 10 anos, em 2012. Ou seja, enquanto 72,3% dos



jovens pretos e 73,5% dos pardos hoje estão no Ensino Médio, 73% dos brancos estavam matriculados em 2012. Já em relação ao encerramento da etapa, 61% dos jovens pretos e 62,4% dos pardos de 19 anos a tinham concluído em 2022, porcentagem próxima a que brancos alcançaram em 2012: 62%. (Autor, ano, página)

Cabe destacar que a desigualdade não diz respeito às capacidades de pessoas negras (Munanga, 2003). Esta é uma constatação que pode denotar obviedade, mas a necessidade de menções e ênfases nesse sentido não é trivial. Na medida que desagregamos os dados por cor/raça, é sempre importante mencionar que os indicadores de desigualdades não comprovam nenhuma realidade biológica sobre os grupos, é importante desnaturalizar as crenças raciais postuladas na [...] existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural (Munanga, 2003, s.p).

As desigualdades raciais na educação revelam como um racismo opera dentro do Sistema de Educacional e que tem sido escamoteado pelo mito da democracia racial e pela falácia da meritocracia, que por muito tempo bloqueou o debate nacional sobre as políticas de ações afirmativas (Munanga, 2003) na educação básica e ensino superior. Os discursos de oportunidades educacionais equânimes e as métricas de avaliação da aprendizagem produzidas sem considerar uma análise histórica sobre a produção e reprodução do racismo na escola, tem sido um entrave para a consolidação de uma sociedade mais justa e democrática.



A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial, mas as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país (GOMES, 2005)

A pedagoga Iolanda de Oliveira compõe o grupo de pesquisadoras que analisaram a existência do racismo e suas repercussões na educação, em seu A construção social e histórica do racismo e suas repercussões na educação contemporânea. Oliveira (2007, p. 258) abordou “aspectos das relações raciais em educação, precedidos da apresentação das origens históricas e sociais do imaginário racial brasileiro que colocou a população negra em condições extremamente desfavoráveis em todos os setores sociais”. Sueli Carneiro (2023), procurando mostrar a existência de um dispositivo de racialidade operando na sociedade brasileira, retoma as definições de Contrato Social de Charles Mills. Para Carneiro é o contrato social que estrutura o dispositivo de racialidade. O contrato social estabelece “uma sociedade organizada racionalmente, um Estado racial e um sistema jurídico racial, onde o status de brancos e não brancos é claramente demarcado, quer pela lei, quer pelo costume[...]” (MILLS, 1997, apud CARNEIRO, 2023, p. 35).

Se os dados educacionais revelam o complexo desafio na garantia de direitos à população negra, a realidade da população negra em outros setores sociais, como emprego, renda, saúde e segurança pública entre



outras esferas, são ainda mais desafiantes, por isso, os indicadores educacionais e sociais exigem análises e interpretações com lentes, referenciais e metodologias associadas e transversal para alcance de políticas públicas que corresponda aos desafios históricos da população negra.

A partir desses registros históricos e dados educacionais, pontuamos a necessidade de políticas públicas formuladas sob as bases antirracistas e democráticas para que se gere acesso e permanência bem-sucedida. Isso demanda descolonização e transformação do currículo para garantia da aprendizagem, conforme aponta Nilma Lino Gomes[3]

Portanto, a promoção de equidade racial conforme assegurado pela LDB 9394/96 em seu artigo 26-A alterado pela Lei nº 10.639/03 precisa ser traduzido no fortalecimento do acesso, das trajetórias regulares e aprendizado adequado das crianças, adolescentes, jovens e adultos negros na Educação Básica o que implica, para além de uma política curricular que tenha como um de seus centros de interesse a Educação para as relações étnico-raciais, uma política que organize a gestão dos Sistemas de Ensino preocupados com as melhorias estruturais das condições de aprendizagem de estudantes negros/as, pautados no processo de enturmação, alocação docente, processos avaliativos de gênero/raça, gestão do tempo e espaços para um educação antirracista.

Pesquisas apontam os efeitos do racismo na permanência bem-sucedida de estudantes na escola, fator que provoca elevação das altas taxas de reprovação, distorção série-idade, abandono e evasão, bem



como outras camadas de ordem subjetivas ocasionadas pelo racismo, que afeta o sentimento de pertencimento, gerando desinteresse e recusa da escola como espaço possível de continuidades e oportunidades. Essas camadas subjetivas são de difícil mensuração se mobilizadas apenas abordagens quantitativas como única ferramenta de análises.

seu artigo 26 -A alterado pela Lei nº 10.639/03 precisa ser traduzido no fortalecimento do acesso, das trajetórias regulares e aprendizado adequado das crianças, adolescentes, jovens e adultos negros na Educação Básica o que implica, para além de uma política curricular que tenha como um de seus centros de interesse a Educação para as relações étnico-raciais uma política que organize a gestão dos Sistemas de Ensino preocupados com as melhorias estruturais das condições de aprendizagem de estudantes negros/as, pautados no processo de enturmação, alocação docente, processo avaliativos gênero/raça, gestão dos tempos e espaços para uma educação antirracista.

Pesquisas apontam os efeitos do racismo na permanência bem-sucedida de estudantes na escola, fator que provoca elevação das altas taxas reprovação, distorção série-idade, abandono e evasão, bem como outras camadas de ordem subjetivas ocasionadas pelo racismo, que afeta o sentimento de pertencimento, gerando desinteresse e recusa da escola como espaço possível de continuidades e oportunidades, essas camadas subjetivas são de difícil mensuração se mobilizadas apenas abordagens quantitativas como única ferramenta de análises.





JOVENS COMO SUJEITOS HISTÓRICOS: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A VIDA ESCOLAR DO NEGRO

Um dos principais desafios na política educacional tem sido demonstrar a correlação entre os efeitos do racismo no processo de aprendizagem dos estudantes. As análises econométricas com foco na interpretação de dados como evidências resguarda sua relevância metodológica na apresentação de panoramas nacionais fundamentais para avançarmos na formulação de políticas mas, associada aos dados qualitativos, ampliam compreensões sobre como o racismo impacta na subjetividade de sujeitos, que são constituídos como grupos sociais atravessados por múltiplas dimensões históricas.

Reconhecendo a importância do tratamento dos jovens como sujeitos históricos, a Uneafro-Br dialogou com 3 jovens negras de 20, 22 e 23 anos de idade, moradoras das periferias da zona sul de São Paulo, que tinham evadido da escola nos últimos 3 anos, além de duas professoras da rede pública de ensino, para capturar suas percepções e experiências sobre educação. O roteiro da entrevista consistiu em questões que articulavam trajetórias de vida, escolar e profissional, bem como os principais desafios enfrentados para a permanência escolar.

Entre as jovens entrevistadas, os motivos que levaram à evasão estão relacionados aos aspectos curriculares, trabalho docente, infraestrutura, problemas de gestão educacional. Os conteúdos desinteressantes,

a precarização das escolas, a ausência de professores bem como as condições socioeconômicas das famílias, exigindo o ingresso precoce no mercado de trabalho, são mencionadas como provocadores da evasão escolar. . Uma das entrevistadas mencionou ter participado do programa Jovem Aprendiz, o que resultou no cansaço e dificuldade para continuidade na escola.

As cenas de preconceito racial, regional e silenciamento da escola também foram mencionadas como processos excludentes que contribuíram para a evasão escolar. As tentativas de retorno à escola são destacadas pelos jovens, mas outros fatores dificultam, como, por exemplo, o trabalho, a distância da escola e ausência de recursos financeiros. Chama atenção o relato de uma jovem que desistiu de ir à escola na turma de EJA por conta da dificuldade financeira e a ausência de direito de usufruir do cartão de meia passagem.

Além das entrevistas, foi realizado um grupo focal junto a jovens negros que cumpriam medida socioeducativa nas periferias da zona leste da cidade de São Paulo. O encontro, realizado na Amparar – Associação de Amigos e Familiares de Pessoas Presas, foi marcado a partir da mediação de um educador do serviço de medida socioeducativa da região, contando com a participação de 4 jovens em cumprimento de liberdade assistida.

O roteiro do Grupo Focal buscou coletar informações, por meio de interação no grupo de 4 estudantes, sobre as suas trajetórias escolares. O Grupo focal enunciou questões como indisciplina e as tensas relações com a escola, responsabilização dos jovens e punições. Os jovens mencionam



que o interesse pelo estudo em espaços socioeducativos, como a Fundação Casa, torna-se menos desinteressante "por conta da ausência de outra coisa mais interessante para fazer". Os jovens evidenciam que a expulsão do sistema escola aprofundou sua exposição em contextos, cenas e territórios marcados pela criminalidade

Os relatos dos(as) jovens entrevistados sobre os processos de exclusão e expulsão que os levaram a entrar nas estatísticas de evasão escolar, resguardam uma experiência desafiante que os números tabulados nos indicadores não dão conta de mensurar. Compreender os jovens como sujeitos históricos, para além dos números e dados, é um dos caminhos para o desenvolvimento de políticas públicas de enfrentamento às desigualdades e promoção da equidade racial



RECOMENDAÇÕES

- » A construção de uma Política Nacional para equidade Racial na Educação Básica: que considere a construção de uma governança compartilhada com estados e municípios e a participação do movimento negro educador e atenção especial para os meninos negros;
- » Recomenda-se que a União, por meio principalmente da ENAP, mas também do INEP, promova cursos de formação continuada para gestores educacionais municipais e estaduais, voltados à construção e utilização de bancos de dados educacionais raciais;
- » Recomenda-se que o INEP adote as medidas necessárias, já apresentadas ao órgão, para que voltem a ser publicados os microdados de resultados das avaliações, suspensas no governo de Jair Bolsonaro, e que são essenciais para a produção de políticas públicas. A desagregação dos dados educacionais é fundamental para a compreensão da realidade brasileira, desenvolvimento de pesquisa e promoção de políticas públicas, portanto o construção de canais mais democráticos para acesso aos dados do Censo Escolar da Educação Básica, possibilita que instituições e pesquisadores(as) não pertencentes aos grupos hegemônicos da pesquisa científica possam acessar as bases para estudos e pesquisas;
- » A criação do Observatório permanente da Equidade Racial na Educação Básica pautada na trajetórias educacionais dos estudantes negros (pretos, pardos e quilombolas), levando em conta sexo, indicadores de distorção idade-série, reprovação, exclusão do ambiente escolar, cujos relatórios possam ser públicos e divulgados anualmente;



- » Construir formas de qualificação de aferição do quesito raça/cor do Censo Escolar por meio de formações dos servidores do INEP que coordenam o processo de aplicação do instrumento bem como construir uma estratégia compartilhada com os estados e municípios com a participação da Undime, Unsed, Uncme e organizações do movimento negro educador;
- » A criação de uma "bolsa permanência" para os estudantes de negros, quilombolas e periféricos do Ensino Médio para conseguirem se dedicar exclusivamente aos estudos;
- » O reconhecimento formal do Ministério da Educação, das secretarias estaduais e municipais pelos trabalhos históricos desenvolvidos pelos Cursinhos Populares de Comunitários à sociedade brasileira como uma política de transição do Ensino Médio para o Ensino Superior;
- » O desenvolvimento de linhas de fomento para apoiar o trabalho das organizações dos cursinhos populares levando em conta o material didático, trilhas educativas, formação para jovens articuladores territoriais difusores do antirracismo e da educação ambiental;
- » A criação de uma "bolsa permanência" para os estudantes de cursinho popular conseguirem dedicar-se exclusivamente aos estudos;
- » Um comitê com representação de cursinhos populares e o Ministério da Educação para melhorar as estratégias de comunicação das políticas de acesso ao ensino superior e acesso com a juventude negra e periférica;

- » Política de apoio aos Cursinhos para promoção de acessibilidades em seu funcionamento, voltado para inclusão e permanência de seus estudantes com deficiência sensorial (auditiva e visual), física, intelectual e no transtorno do espectro autista, tais como material pedagógico adaptado, intérprete de libras e adaptações físicas;
- » Implementação do critério de redução de desigualdade racial no Fundeb (conquista histórica do movimento negro educador). Recomenda-se a implementação e o monitoramento do critério de redução de desigualdade educacional racial no Fundeb, na dimensão do VAAR, como uma das condicionalidades para que as redes de ensino possam receber dos recursos circunscritos a essa "rubrica" (VAAR) do Fundeb, conforme já normatizado pelo art. 14 da Lei nº 14.113/2020;
- » Incluir o fator de ponderação de redução de desigualdades étnico-raciais no Fundeb: que seja contemplado, na atualização da Lei de Regulamentação do Fundeb prevista para 2023, fator de ponderação com o objetivo de incentivar a redução das desigualdades étnico-raciais, a exemplo do fator de ponderação de NSE (nível sócio econômico) previsto na lei;
- » Criação do PDDE - EREER: alocação orçamentária equitativa de recursos discricionários: criação de fomento de ações de indução e coordenação de formas de alocação de recurso discricionários, por meio de transferências voluntárias, tendo como contrapartida a formulação de projetos para a equidade racial, com metas objetivas definidas pelo ente federal, que poderia ser utilizado o modelo já existente do PDDE, Programa Dinheiro Direto na Escola;

- » A construção de uma Política Nacional para equidade Racial na Educação Básica: que considere a construção de uma governança compartilhada com estados e municípios e a participação do movimento negro educador com atenção especial para os meninos negros;
- » Condições de Oferta da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio);
- » A desagregação dos dados educacionais é fundamental para a compreensão da realidade brasileira, desenvolvimento de pesquisa e promoção de políticas públicas, portanto recomenda-se que o INEP, em respeito a LGPD, construa canais mais democráticos para acesso aos dados do Censo Escolar da Educação Básica, possibilitando que instituições e pesquisadores(as) não pertencentes aos grupos hegemônicos da pesquisa científica possam acessar as bases para estudos e pesquisas;
- » Espaços ampliados para escuta de crianças, adolescentes e jovens são fundamentais para qualificar análises dos indicadores educacionais;
- » Programas como Universidade na Diversidade e são exemplos de políticas específicas para grupos historicamente excluídos que impactam trajetórias e transformam os indicadores de acesso e permanência no ensino superior;
- » Bolsa permanência para todos os/as estudantes cotistas no Ensino Superior;
- » A constituição de espaços de acolhimento nas IES para estudantes negros, indígenas e quilombolas;



- » A formação continuada de professores(as) e operadores(as) de políticas públicas na perspectiva da histórica educação da população negra é um dispositivo importante para a compreensão das raízes históricas das desigualdades e suas manifestações na sociedade;
- » Programa de formação para Educação para as Relações Étnico-Raciais direcionados para gestão do Sistema de Ensino, Gestão Escolar e Gestão dos processos pedagógicos na perspectiva ERER:

PLANOS DE GESTÃO DO SISTEMAS DE ENSINO PARA EQUIDADE RACIAL

- » considerando processos avaliativos gênero e raça
- » estratégias para a melhoria das condições de aprendizagem para a população negra

PLANOS DE GESTÃO ESCOLAR PARA EQUIDADE RACIAL :

- » considerando processos avaliativos gênero e raça
- » participação das organizações que atuam no território com a agenda
- » estratégia para melhoria das condições de aprendizagem da população negra



PLANOS DE ENSINO DE PERSPECTIVA ETER

- » alfabetização e letramento na perspectiva ETER
- » etnomatemática e etnociência
- » patrimônio cultural afrobrasileiro
- » adolescência e racismo
- » processos avaliativos gênero e raça
- » requalificação do processo de reclassificação



REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do Outro como não ser e como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Editora ZAHAR, 2023.

CAVALLEIRO, Eliane. *Apresentação in: História da Educação do Negro e outras histórias/ Jeruse Romão (org). Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília 2005*.

DÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil (1917-1945)*. Trad. Claudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2006. 400p.

GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil. In: Educação antirracista caminhos abertos para a lei 10.639/03*. Brasília: SECAD, 2005, p. 39-62.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Entrevista com Carlos Hasenbalg. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 2*

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/6bt58WnTqww3pb6g4jXRwrP/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 08 de julho de 2023.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, A. (org) P. Programa de Educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2004.



OLIVEIRA, Iolanda. *A Construção Social e Histórica do Racismo e suas Repercussões na educação Contemporânea (p.257-281). In: Cadernos Penesb – FEUFF. (n.g) (dezembro 2007) Rio de Janeiro/ Niterói – EdUFF/ Quarter, 2007.*

PASSOS, Joana Célia. *As desigualdades na escolarização da população negra e a educação de jovens e adultos. v. 1 n. 1 (2012). Revista EJA em debate.*

Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/998> Acesso em 30 de junho de 2023.

ROMÃO, Jesure. *Introdução. in: História da Educação do Negro e outras histórias/ Jeruse Romão (org). Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília 2005.*

SILVA, Geraldo; Araújo, Márcia. *Da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escolas profissionais, técnicas e tecnológicas in: História da Educação do Negro e outras histórias/ Jeruse Romão (org). Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília 2005.*



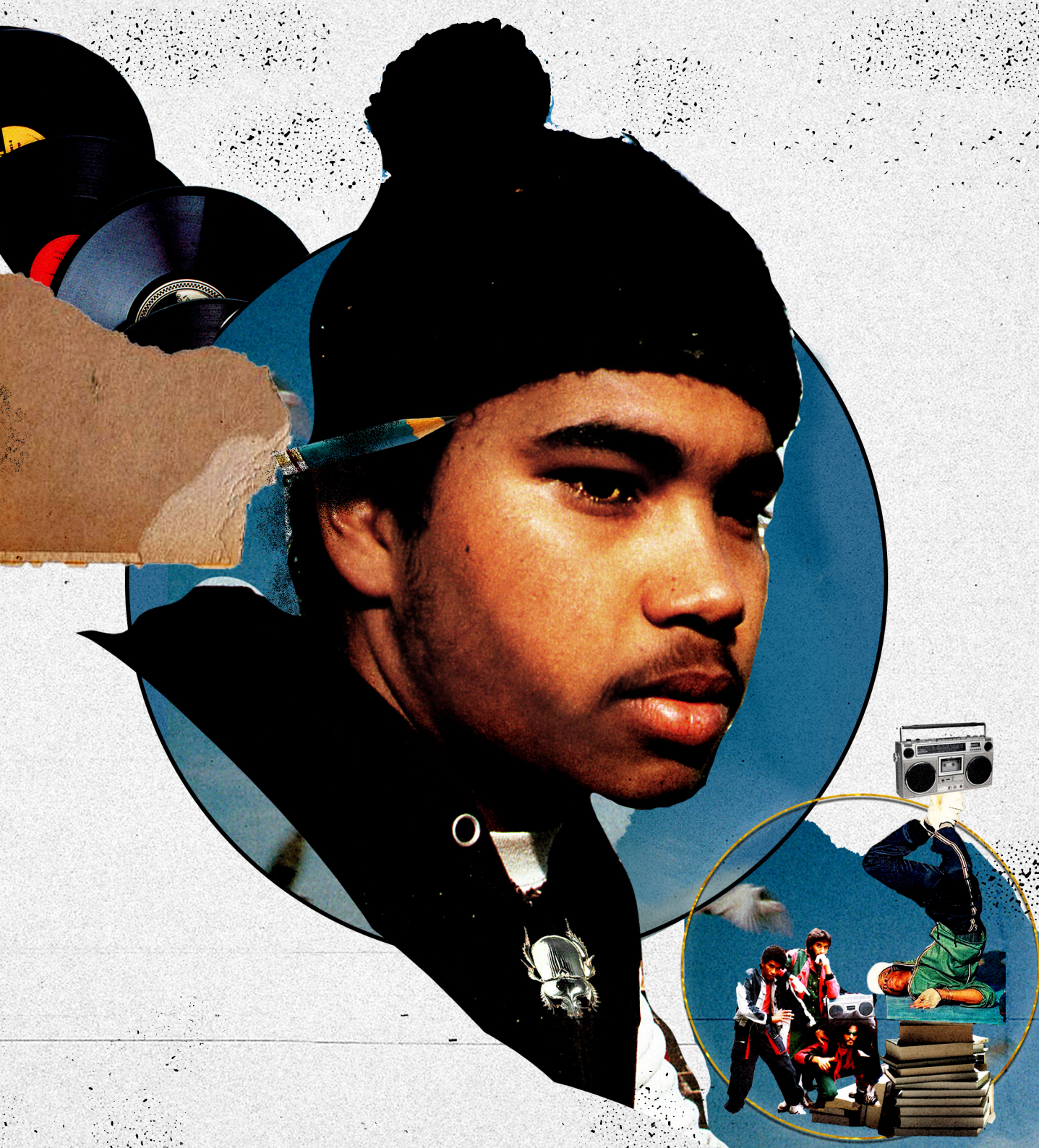
[1] União de Núcleos de Educação Popular para Negras/os e Classe Trabalhadora. - <https://uneafrobrasil.org/>

[2] <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/tf-nota-tecnica-desigualdades-etnico-raciais-nas-matriculas-e-na-conclusao-do-ensino-medio,774ba74e-4c48-4e38-8f27-48acc426aega>

[3] Educação democrática antirracista: uma escolha política. https://www.fundacaosantillana.org.br/blog/educacao-democratica-antirracista-uma-escolha-politica/#_ftn1

[4] <https://docs.google.com/document/d/1ngxoHnomMPWvcuCGOWoSwKN2DsllqvEyCHP4weldkro/edit>





PARA TODOS OS MENINOS QUE NAO SE ENQUADRAM NA ESCOLA

Todos os anos, milhares de crianças e adolescentes abandonam a escola.
E apesar de os motivos individuais serem diversos, a razão estrutural é só uma:
Elas são escolas muito engraçadas.

**E NÃO ESTAMOS FALANDO DE
VOCÊ, PROF,
QUE DÁ AULA TODO DIA
ÀS VEZES **SANGRANDO**,
ÀS VEZES **SONHANDO**,
COM UM MUNDO
QUE NÃO SEJA SANTO
MAS QUE SEJA BEM MELHOR.**

Este poema é sobre as crianças
aquelas que tumultuam
que manjam
dessa escola
muito engraçada
que põe pra fora
quem não se enquadra.

II
ERA UMA ESCOLA
MUITO ENGRAÇADA.
NÃO TINHA AFETO,
NÃO TINHA NADA...

Até a comida
era largada
lá se gritava
se humilhava.

NINGUÉM PODIA
SENTAR NA ESCADA
E CE APANHA,
SE DER RISADA.

Você apanha
se disser não
e se moscar
leva um chacoalhão.



**VOCÊ NÃO ERA
NEM RESPEITADO
E SÓ APRENDE
SE FICAR PARADO.**

Era uma escola
nada engraçada
mas minha mãe
me dava orelhada...

**NINGUÉM PODIA
FALTAR NELA NÃO
SE NÃO A VÓ
DAVA UM SAFANÃO.**

Era uma escola
muito regrada
se eu trabalhasse,
não estudava.

**NINGUÉM PODIA
FALTAR NELA NÃO
SE NÃO A MÃE
DAVA UM SERMÃO.**



III

Era um menino
que aprontava
não tinha jeito,
não tinha nada

**COM SETE ANOS
EMPURROU NA
ESCADA
A COLEGUINHA
FOI MACHUCADA**

a polícia quase
que foi chamada
e ele, em choque,
não dizia nada

**MAS FOI EXPULSO
DE TANTA ESCOLA
QUE ACOSTUMOU
A SER REJEITADO.**

Não tinham eco
suas palavras.
E ele, em choque,
não dizia nada



**IV
ERA UMA ESCOLA
CHEIA DE HISTÓRIAS
NENHUMA DELAS
ME AJUDAVA.**

Aos doze anos
eu já trampava
revendendo
desinfetante de alma.

**DEPOIS VENDI
TAPETE VOADOR
E VI VANTAGEM
NO TRÁFICO.**



Eu era um cara
muito engraçado,
aos dezesseis
já estava gasto.

**MAS AINDA QUERO
VOLTAR PRA ESCOLA
JÁ TÔ INSCRITO
AGUARDANDO VAGA.**

Mas eu espero
a escola engraçada.

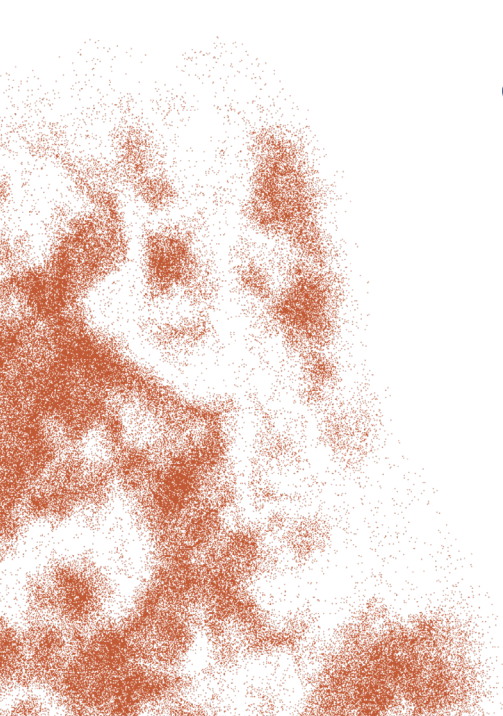
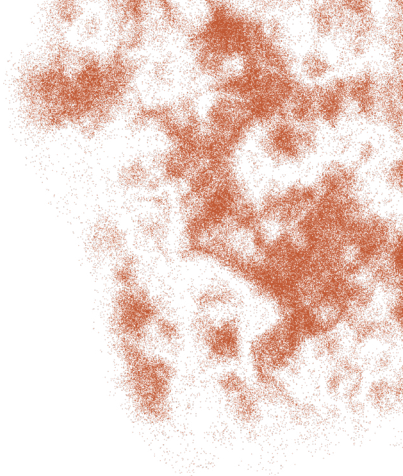
JÁ TÔ INSCRITO...

AGUARDANDO VAGA!





Diário de Escola



Diário de Escola

1 Diário de Rayssa

23 de março de 2014

Querido diário,

Eu me chamo Rayssa e, antes de mais nada, quero dizer que me sinto ridícula e infantil por estar escrevendo um diário. Alguém me disse que seria bom escrever, já que sou tão calada e tão fechada no meu mundo. Não sou mais uma criança e até tentei escrever aqui antes, mas toda vez que eu pensava em iniciar, logo desistia da ideia e ao invés de trancar as palavras aqui, guardadas com um cadeado fácil de ser aberto, enterrei tudo o que senti.

Ontem vi minha mãe chorando. Ela não é muito de chorar ou de falar e, assim como eu, costuma viver sozinha o que sente e se trancar em seu mundo. Minha irmã se casou muito nova, acho que ela só queria sair de casa e tentar uma vida mais digna. Meu irmão escolheu o mesmo caminho. Foi embora e se casou ainda mais jovem. Fiquei com a minha mãe e hoje somos só nós duas. Às vezes parece que somos estranhas, mas tenho a impressão de que falar dói demais pra ela. Eu respeito sua dor e não pergunto, para não doer mais.

Hoje fiz 16 anos e acho que está na hora de começar a trabalhar. Ela nunca me pediu, mas sinto que é a hora de ajudar a pagar as contas de casa e não ser apenas mais um peso para ela.

15 de abril de 2014

Hoje eu comecei a trabalhar em um mercado aqui perto de casa. Estou feliz por finalmente conseguir um emprego porque, mesmo sendo como menor aprendiz, vai ajudar muito em casa. Minha mãe também parece feliz com a novidade, apesar de preocupada com meus estudos. Sempre fui uma boa aluna e não pretendo mudar.

No trabalho foi tudo bem no primeiro dia. Conheci meus colegas e toda a rotina, aprendi o que devo fazer e como fazer. Já fiz planos para o meu primeiro salário: quero levar minha mãe para comer fora. Talvez assim, eu possa vê-la um pouco feliz.

18 de abril de 2014

Depois de um dia cansativo, não consegui ir para a escola. Ontem também não fui. Me sinto tão cansada no final do dia que só quero dormir e esperar o outro dia começar. Espero que esse cansaço passe. Não consigo mais ver o estado da minha mãe, preciso ajudar financeiramente em casa, não posso desistir.

19 de abril de 2014

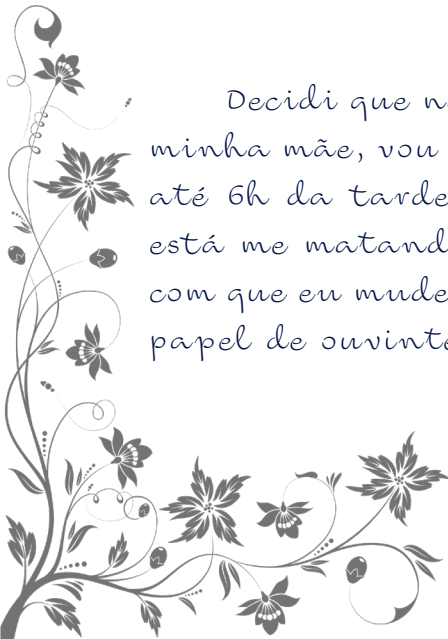
Além de muito cansada, hoje me sinto triste. Ando pensando em tudo o que vivi até aqui. Minha mãe me criou sozinha, sem pai. Foram 3 filhos que ela sustentou sozinha. Nunca conheci o meu pai e nunca senti falta dele, pelo menos acho que não, mas fico pensando em como tudo seria diferente se minha mãe tivesse com quem dividir todo esse peso. Não sou muito de chorar, mas enquanto escrevo aqui, as lágrimas molham as folhas e eu preciso parar, antes que te faça de lenço.

21 de abril de 2014

Hoje faltou um professor na escola. Estava tão cansada e, mesmo assim, fiz um esforço e fui. Fiquei decepcionada.

1º de maio de 2014

Decidi que não vou mais para a escola. Não vou falar para minha mãe, vou apenas deixar de ir. Essa rotina de trabalhar até 6h da tarde e ainda ter que ir para a escola e estudar, está me matando. Chega! Nada do que você me diga vai fazer com que eu mude de ideia. Não adianta. Espero que cumpra seu papel de ouvinte e me deixe em paz.



5 de maio de 2014

Não sinto muita falta da escola. No trabalho todos são legais e ter o meu dinheiro no final do mês tem ajudado muito em casa. Sinto que minha mãe está mais leve, como se um peso tivesse sido tirado de suas costas. Até conversamos mais. Fazia tempo que eu não a via sorrindo.

10 de maio de 2014

Sempre estudei na mesma escola. Como eu amava aquele lugar! Mesmo nos dias em que achava a matéria chata, gostava do ambiente. Acho que se eu não tivesse sido obrigada a mudar de escola, porque lá não tinha ensino médio, conseguiria terminar os estudos. Eu tentei, juro que tentei, mas a outra escola, além de mais longe, era muito mais chata. Parar de estudar não foi uma decisão fácil, mas preciso me convencer, todos os dias, que era o melhor a ser feito. Hoje, se você pudesse falar, eu gostaria de te ouvir. Gostaria que você me dissesse que devo voltar. Devo?

11 de maio de 2014

Não me sinto mais uma menininha. Estou crescendo e sinto que as responsabilidades estão batendo à minha porta. Eu finjo que não estou em casa e sigo cantarolando uma música

triste qualquer, como o assum preto do vizinho aqui do lado. Mas as respostas são tão insistentes que eu sou obrigada a abrir a porta, convidar pra entrar, servir um chá e ainda abraçar cada uma delas.

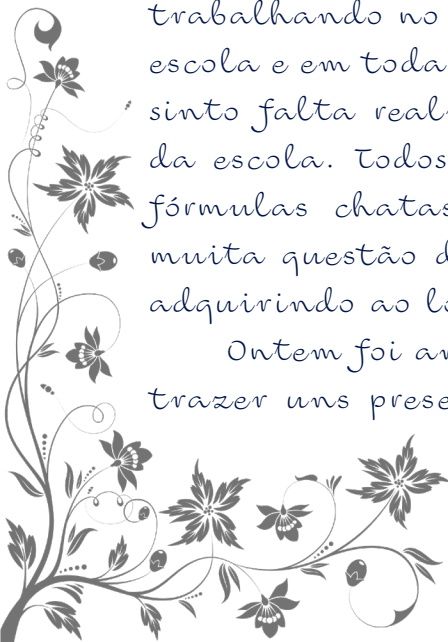
É bom ter dinheiro para comprar minhas coisinhas, mas o melhor de tudo isso é poder retribuir todo o esforço e dedicação que minha mãe teve comigo e com meus irmãos. Eu já sou uma mulher. Ainda tenho 16. Mas me olho no espelho e me vejo grande.

Queria colo.

18 de novembro de 2021

faz tempo que eu não escrevo nada. Andei tão ocupada que só hoje, depois de uma faxina no armário, te encontrei e resolvi contar como as coisas estão. Nada mudou realmente. Continuo trabalhando no mercado e ajudando em casa. Ainda penso na escola e em todas as coisas que sei que estou perdendo, mas não sinto falta realmente de estudar. Penso que fui desgostando da escola. Todos aqueles professores desinteressados e aquelas fórmulas chatas, que eu mal entendia e eles não faziam muita questão de me fazer entender. Todo o desgosto que fui adquirindo ao longo do tempo me trouxe até aqui.

Ontem foi aniversário da minha mãe. Meus irmãos vieram trazer uns presentinhos e ela ficou tão feliz com a presença



deles. foi uma noite agradável. Sentamos, pedimos pizza (por minha conta!) e comemoramos. Minha irmã trouxe um bolinho e meu irmão trouxe refrigerante. A nora e o genro também estavam presentes, então foi uma festa só! fazia muito tempo que essa casa não ficava tão animada. Por hoje não vou me sentir triste. Por hoje a escola não vai me fazer falta. Por hoje o sorriso sincero da minha mãe me basta.

Às vezes eu quero colocar ela no colo.

28 de março de 2022

Desde o aniversário da minha mãe que eu não escrevo nada aqui. Estava sem inspiração, sem vontade. Ontem enviei um currículo e fui chamada pra entrevista. Acho que terei oportunidades melhores. Torce por mim, tenho entrevista daqui a 2 dias.

30 de março de 2022

Hoje fiz a entrevista. Vesti a melhor roupa que tenho e fui sem medo. Bom, só com um pouquinho. A moça que me entrevistou disse que gostou muito de mim, mas que não poderia me contratar, pois não tenho ensino médio. Ela perguntou o motivo de eu não concluir, mas eu não soube bem o que responder. Como justificar isso? Apenas agradei a (falta de) oportunidade e fui embora.

4 de abril de 2022

Depois daquela entrevista fiquei tão triste e chateada. Eu sempre soube como é importante voltar a estudar, mas não sinto vontade. Sei que preciso crescer e isso faz parte, mas é tão difícil. Me disseram que se eu não concluir o ensino médio, pelo menos, os únicos empregos que vou conseguir é de faxineira ou doméstica. Não seria algo indigno, mas eu quero tanto um futuro melhor. Só não vejo um caminho para chegar até ele. Você tem um mapa?

8 de junho de 2022

faz muito tempo que não escrevo nada. Já que eu não podia ir para a escola, também não queria escrever e não vou pedir desculpas por isso. Semana passada fiz 24 anos. Acho que sou oficialmente uma mulher e não tenho tempo para escrever coisas de menina. Preciso te contar um pouco sobre como as coisas mudaram e ainda assim, estão tão iguais. Não voltei a estudar. Até pensei, tentei, mas não consegui. Trabalho como freelancer em um salão de cabeleireiros, é um lugar bem legal. Tenho uma lojinha on-line, onde vendo algumas coisas junto com minha mãe. Estamos mais unidas, sabe? Minha mãe cuida de crianças, às vezes, para ajudar na renda.

Ela me deu um susto outro dia: foi diagnosticada com um problema no fígado, não lembro bem o nome, mas fiquei tão

assustada. Ela está se tratando e está bem, mas continua se trancando em seu mundo e, em alguns momentos, escondendo sua dor. Quem sabe a minha dor não encontre com a dela no meio do caminho e virem amigas? Ela está com 47 anos, é tão nova e tem tanto pra viver!

Perdi muitas oportunidades de trabalho nesses anos. O mesmo motivo de sempre: “Você não terminou o ensino médio!”. Estou cansada de ouvir isso. Sei que preciso pensar em voltar. Não quero, mas preciso. Gostaria muito de iniciar um curso de técnica em enfermagem, mas nem isso consigo sem o bendito ensino médio. Eu preciso voltar a estudar, ter mais conhecimento, conseguir me aprofundar em coisas que eu realmente quero, mas não sei como fazer isso. Preciso tentar entender essa parte, que tem me consumido e abocanhado os meus sonhos. Estou tão cansada. Cansada de ouvir “não”, cansada dos currículos rasgados sem consideração, mas eu sei que preciso continuar. Hoje vou deixar meu cansaço de lado e tentar me permitir voltar a sonhar, nem que seja acordada. Amanhã vou tentar deixar o cansaço de lado, me olhar no espelho, acreditar em quem eu vejo e seguir o caminho do qual me desviei. Se você pudesse falar e tivesse um rosto... gosto de pensar que está sorrindo agora e isso me ajuda a seguir em frente. Talvez eu não volte a escrever por aqui, acho que está na hora de voltar para a escola e começar a reescrever minha vida.

23 de março de 2016

Amigo diário, como vai? Já tem tempo que não conversamos. Mas hoje é um dia especial, porque hoje eu virei vó. Acho que é uma boa razão pra te retomar, certo? Minha filha tem só 15 anos, mas eu também era bem nova quando ela nasceu e nem por isso eu morri. Morri?

Minha única tristeza é que, também como eu, ela largou os estudos. Ela disfarça, meu amigo, mas eu sempre vejo essa angústia dançando nos olhos dela, toda vez que alguém pergunta sobre a escola.

O tio dela, meu irmão, era policial, e esse era seu sonho de menina: ter a mesma profissão dele. Nunca entendi quando ela me falava desse sonho, já que vejo, todo o dia, a violência que nosso povo passa, as dores causadas pelas balas perdidas, que transformam preto, mesmo o assum preto do vizinho aqui do lado, transformam em alvo rapidinho.

23 de março de 2019

Amigo diário, como vai?

Hoje eu quase morri do coração. Minha neta tava brincando na rua quando uma bala perdida passou rasgando. Às vezes eu acho que só pode ser esse o objetivo deles: impedir que nossas crias cresçam pra não ter que correr atrás delas, nessas vielas cinzentas.

Minha neta tava na rua na hora e viu tudo: o moço correndo, olhando pra trás. O PM armado. Nada no bolso. Nada nas mãos. O moço correndo. Barulho de tiro. Medo. Ela também correu. Parado aí! Barulho de tiro. Olhou para trás. Sangue. Não era o dela. Correu como nunca correu.

Acho que foi nesse dia que ela aprendeu que meninas pretas e pobres não têm rosto, não têm idade, não têm direito. E foi aí, com três anos, que ela aprendeu a correr. Se continuar assim, vai virar corredora profissional quando crescer.

Mas depois desse dia, amigo diário, minha neta passou a fazer perguntas. Perguntava à Lorraine se as pessoas que a polícia perseguia e matava eram ou não pessoas boas. A resposta paciente da minha filha era que existiam pessoas boas e ruins e que ela seria uma boa policial. Sempre acreditei nisso... na parte em que ela vai tentar ser uma boa policial.



23 de março de 2020

Amigo diário, hoje eu quero desabafar, eu posso?

Hoje meu peito só bate porque é mesmo obrigado. Só pra não piorar a angústia da família.

Hoje Lorraine chorou. Meu coração ficou dolorido porque fazia tempo que ela não precisava tanto assim de colo - ocupada em dar o seu para as três meninas que pariu, no intervalo de cinco anos.

A minha filha tinha 15 anos quando começou a largar os estudos. Mesmo que ela não fosse um exemplo de aluna, estava diariamente na escola e se viu obrigada a não estudar mais, já que outras lições deveriam fazer parte de sua rotina. Quando minha neta chorava, ela tinha que aprender como acalantar. Quando a pequena estava com fome, tinha que aprender a amamentar na hora certa e na quantidade certa. Nunca a vi reclamar de cuidar de sua filha, mas via em seus olhos os sonhos indo embora, de mala e cuia, sem nem olhar para trás, um passo de cada vez, uma filha de cada vez, muitas fraldas de uma vez só. Quando minha terceira neta nasceu e morávamos eu, minha mãe, meu filho, minha filha e suas três filhas, o mundo começou a ficar apertado. Todas as tentativas que iniciamos de que ela retornasse aos estudos fracassaram. Uma filha por vez, um ano perdido por vez, um olhar de reprovação toda vez.

Enquanto eu trabalhava de empregada doméstica e minha

mãe era aposentada, tentamos segurar as pontas, mas toda vez que uma menina nascia, o dinheiro parecia diminuir. Minha filha até tentou fazer alguns bicos e ajudar, mas dar conta de cuidar de 3 meninas pequenas e ainda trabalhar fora, era um desafio muito maior do que ela poderia vencer. O placar estava 3 a 0. A vida batendo tanto nela, que nem sequer contava como uma vitória os pequenos passos e sorrisos que cada menina aprendia a dar.

A escola sempre foi um ponto cheio de tristezas e sombras. Ela estudou, desde pequena, no mesmo lugar, e conhecia os professores e alunos, que eram da vizinhança e a conheciam também. Mesmo não sendo uma aluna considerada exemplar, costumava tirar notas razoáveis. Vez ou outra eu recebia algumas reclamações vindas de um professor: “sua filha é muito respondona!”. E quando eu questionava os motivos das respostas atravessadas, ela contava que parecia que o professor achava errado o fato de ela andar com meninos. Às vezes acho que minhas netas foram os motivos dela largar a escola, mas quando olho para as memórias cansadas que tenho, tiro a poeira de uma ou outra para trazer à tona aquele professor, que implicava constantemente com minha filha e acredito que foi ali que ela foi perdendo o foco e a vontade de ter um futuro melhor, antes que o amanhã passasse por cima dela e a esmagasse contra o muro da falta de oportunidade. Não me leve a mal, não estou querendo culpar qualquer pessoa

pelas escolhas e pelos caminhos que ela decidiu que queria percorrer e assumiu os riscos, mas um professor que ao invés de acolher seus alunos, os distancia com atitudes como aquelas, não cumpre bem o seu papel de ensinar. Todas as vezes em que fui buscar minha filha na diretoria e atravessava a porta da escola com ela, de cabeça baixa e envergonhada, morria um pouco a vontade dela de prosseguir. E eu não tinha tempo de lidar com suas teimosias. Ela tinha que amadurecer.

Quando ela engravidou, não tinha o que eu pudesse fazer. O pai da criança também era muito jovem e imaturo. Estava na sétima série e, depois de quatro meses, quando a barriga começou a crescer, largou os estudos. A vergonha que sentia era tão grande que se recusava a lidar com olhares e reprovações, aqueles que via nas outras pessoas, além do que encarava no espelho todos os dias, enquanto olhava assustada para a barriga crescendo. Tantas vezes presenciei ela com o olhar perdido. Aqueles olhares que não mais conseguem vislumbrar o futuro mas que se escondem no passado, como se pudesse voltar no tempo e fazer tudo diferente. Eu quis abraçá-la nesses momentos e confortá-la, mas não conseguia.

Depois que o diretor da escola procurou saber o que estava acontecendo, ela decidiu voltar, mesmo grávida, para a escola. funcionou por um tempo. Estava em uma turma com pessoas mais velhas e não precisaria lidar com piadas e brincadeiras de adolescentes. Nesse período, ela conheceu uma professora de

verdade, que a ajudou e a ensinou a ler o mundo, além das palavras escritas e das lições que os livros deveriam ensinar. foi importante para ela e, dessa forma, conseguiu avançar alguns passos. Como estava estudando à noite e era perto de nossa casa, eu ficava com a minha neta e a levava na escola, para que ela pudesse amamentar. Eram muitos os olhares de surpresa e reprovação. Dava para ouvir os silêncios gritando dentro das cabeças pequenas e dos olhares grandes de seus colegas de classe: “Como pode uma menina tão nova já ter filha?”, “Que pouca vergonha, ainda trás pra amamentar na escola!”, “Que avó irresponsável, não cuidou da filha, deu nisso...”. Eram tantos os olhares que falavam, que eu saía da escola, com a pequena no colo, parecendo que eu estava em um show de rock pesado: um barulho ensurdecador e todos achando graça de suas performances.

Mas esse diário tá virando um livro. Vou parar por aqui e continuo amanhã, assim que a casa fizer um pouquinho de silêncio eu retomo meu desabafo... porque meu peito ainda dói e escrever me ajuda a não morrer.

24 de março de 2020

Pois bem, amigo, diário.

Tive que aprender a não ouvir tantos gritos e a me esconder no silêncio. Minha filha não conseguiu.

Depois que ela teve a segunda filha, voltou a estudar, concluiu mais um ano, voltou a ouvir gritos e julgamentos. Daí teve sua terceira filha, a Laura, e parou de estudar de vez.

“Nossa, mas com essa idade, três filhos!”. “Nossa, mas é cada criança de um pai?”. “Não, não é”. Ela já respondia no automático.

Ela até tentou voltar, mas como cuidar de três crianças pequenas e ainda ter tempo pra escola? Mesmo que eu tentasse ajudar, não conseguia dar conta de trabalhar fora e cuidar das meninas. Ela se separou do companheiro nesse período, o que também não ajudou. Ele parou de ajudar a cuidar delas e mesmo que oferecesse ajuda financeira, se recusava a ficar com as meninas para que minha filha pudesse estudar ou trabalhar. “Nossa, mas... você só tem quinze anos, já tá grávida?”. “Nossa, você é tão nova, já tem três filhos! Como você vai sustentar?”. “Ah, você não tá com o pai de seus filhos?”. “Ah, nossa, você se separou, é mãe solteira?”

Depois de um tempo, os julgamentos passaram a ser ditos em voz alta, sem pudor nenhum. Eu tinha que me segurar

para não brigar com todos, e algumas batalhas ela teria que aprender a lutar sozinha. Era difícil lidar com as pessoas, às vezes, muito mais difícil do que com o fato de ter pouca idade e ser mãe de 3 meninas. Mesmo que ela tentasse mostrar que não se importava mais, eu sentia a sua dor. Em silêncio. Além disso, eu sei... falavam dela pensando também em mim... como quem diz que filha de peixe vai parir nova e “estragar” a vida...

Mas, voltando ao assunto, não terminar os estudos foi a maior tristeza da minha filha.

Me culpo, algumas vezes, por não ter estado tão presente, mas como ser uma mãe presente e colocar a comida na mesa, trabalhando fora? Queria que tudo tivesse sido diferente, queria que ela tivesse seguido um outro rumo, que já tivesse realizado seu sonho de virar policial e mudar de bairro e de vida, mas hoje olho para as minhas netas, tão pequenas e indefesas, olho para a cor de suas peles, para as oportunidades que estão postas na mesa, dentro de pratos vazios, servidos pela sociedade que insiste em condenar mães jovens e as tratar como se fossem indignas. E quando saio de manhã para trabalhar e vejo minha filha acordando, ouço o assom do vizinho cantando, enxergo toda a rotina de seu dia, a mesma que vem se repetindo há tanto tempo, e tudo o que posso fazer é acreditar, ainda, que um dia o prato estará cheio.

Que um dia a mesa estará farta. A comida quente. Três

meninas sorridentes, contando sobre o dia na escola. Três meninas com futuros brilhantes. Uma filha formada e com um trabalho digno. Às vezes me permito abocanhar esse sonho e seguir em frente, mas hoje, tudo o que deixo pra trás, quando fecho a porta de casa e olho para minha criança acordando, é a mesma vida que insiste em não nos alimentar.

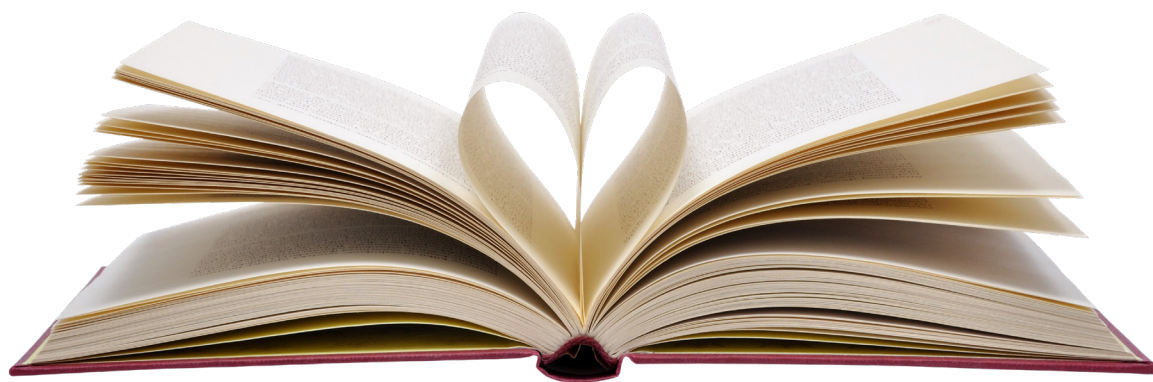
23 de março de 2021

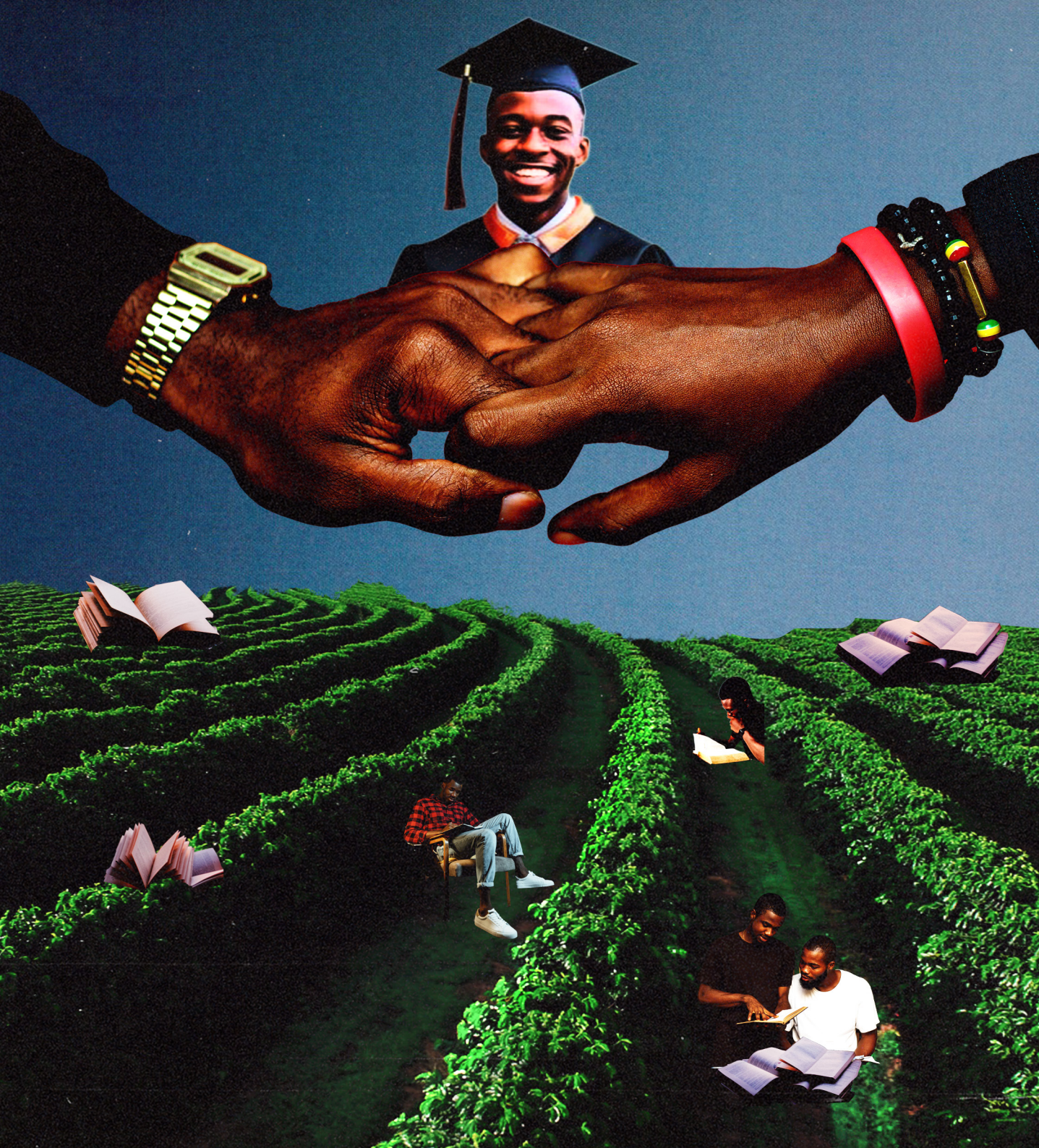
Querido amigo diário,

continuo sem tempo pra te escrever, você sabe.

Ainda me dói todos os dias a dor da minha filha Lorraine. Sua rotina de acordar, trocar fralda de uma, dar mamadeira à outra, café da manhã para a terceira. Deixar na creche. 9h da manhã. Procurar emprego. Encontrar. Trabalhar até às 18h. Encontrar quem fique com elas. Olhar para o valor do salário. Perguntar quanto cobra para cuidar de 3 crianças pequenas. O valor não bate. O salário não cobre os gastos. Toda semana ela sai e volta pra casa sem emprego. Decide tentar voltar a estudar. Acorda. Troca fralda de uma. Dá mamadeira para outra. Café da manhã pra terceira. Deixa na creche. 9h da manhã. A vergonha não deixa voltar. Tenta matrícula à noite. Consegue. Aulas começam às 19h. Bisavó não tem mais idade ou paciência pra cuidar das meninas. Elas saem da creche às 15h. Eu chego em casa às 20h. Não dá tempo.

Todo dia, amigo diário, ela desiste de voltar a estudar. Acorda. Troca fralda de uma. Dá mamadeira para outra. Café da manhã para a terceira. Hoje ninguém vai para a creche. Hoje todas vão ficar abraçadas assistindo televisão. Dá almoço às três. Esquece de comer. Olha pela janela. Vê uma menina passando com uniforme escolar. Olha para suas filhas. Desvia o olhar. Deixa a lágrima escorrer. Disfarça. Quer ser forte. Quer ser alguém. Quer que suas filhas sejam alguém na vida, mas no outro dia... Acorda, troca fralda de uma, dá mamadeira pra outra, café pra terceira e olha a vida com desesperança. E enquanto olha pela janela, se tranca em seu mundo e se recusa a tentar uma vez mais. Dorme. Não sonha. Acorda. Mais fraldas. No horizonte o futuro promete ser bom. Promessa nunca encheu barriga de ninguém.

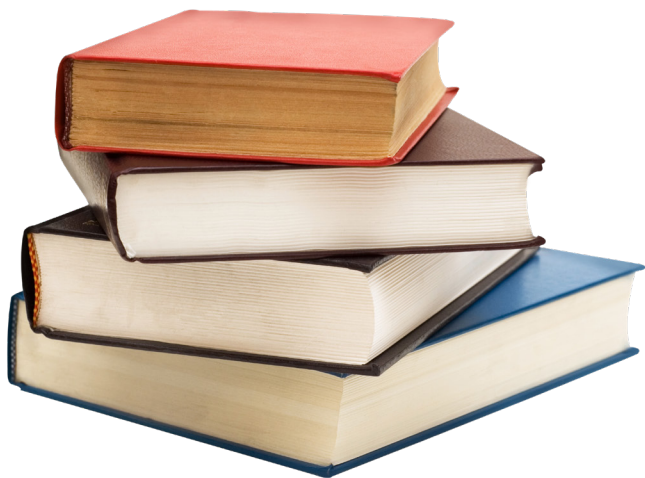




Diário de
Professora
Andreia

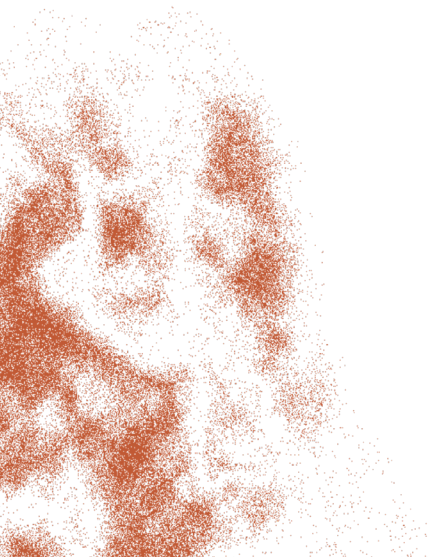
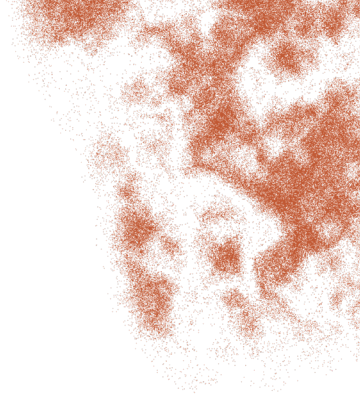
	Professora A. R. EMEF. Mario Rangel Capão Redondo.	Disciplina: Português/Educação Infantil	28 anos de carreira
Aula	Atividade/objetivo	Conteúdos	Anotações
1	Tornar-se professora	Obedecer à mãe	Eu nem queria ser professora... Minha mãe me matriculou no curso de magistério à revelia da minha vontade. Hoje em dia eu gosto, principalmente da educação infantil. Mas não vejo a hora de me aposentar.
2	Não julgar	Genocídio do povo negro; Capitalismo, racismo e criminalização da pobreza; Equidade versus meritocracia.	Nossa escola tem famílias muito numerosas, com pais jovens e negros que deixam os filhos mais largados. No capitalismo moderno a escola perdeu a importância. Todo mundo quer ser youtuber. Tá muito difícil! As famílias negras têm mais filhos e menos estrutura econômica. São mais displicentes: não acompanham os filhos na escola, mas quando chegam cestas básicas, eles sempre aparecem.
3	Conseguir dar aula online	Desigualdade social, crise sanitária e acesso às tecnologias de comunicação.	A maior parte da turma não entra nas aulas porque não tem acesso à internet, nem aparelhos de telecomunicação. Quem entra, fica colocando vídeos desrespeitosos. Os tablets prometidos pela prefeitura ainda não chegaram. Será que chegarão um dia?
4	Educação e Solidariedade	Pandemia e aumento da Fome.	A fome que a pandemia trouxe impactou no aprendizado das crianças. Estudantes com fome não têm cabeça para fazer lições. Obs: Juntar doações para as famílias mais necessitadas.
5	Não julgar	Neoliberalismo, pobreza e meritocracia. Genocídio, Evasão escolar e culpabilização das vítimas.	Depois da fase pior da pandemia, as crianças voltaram sem vontade. Boa parte não tem uma mãe e um pai que estimulam. Falta acompanhamento. Alunos faltam e pais não sabem. Alunos não vêem motivo pra ir à escola. Mulheres saem para trabalhar e filhos ficam a Deus dar. Principalmente os meninos negros. Essas mães têm um monte de filhos, os pais estão presos ou mortos, assassinados.
6	Reconhecimento das fragilidades	Identificação de pontos a melhorar. Racismo introjetado na sociedade.	A escola não está conseguindo se fazer interessante e ela não garante emprego. Os youtubers ganham muito mais sem ter terminado o ensino médio. Obs: Youtuber brancos abastados. Clientela negra e pobre.
7	Responsabilidades	Papel da escola, da família, do governo e da sociedade na boa educação de crianças e adolescentes	O governo enfraquece a educação, precariza e depois culpabiliza o professor. Zezinho não sabe ler, é você que não deu a lição... mas com trinta e cinco alunos por sala e sem acompanhamento multidisciplinar... de quem é a responsabilidade? Falta nas escolas: psicólogo, assistente social, material humano, material pedagógico, tudo. Falta essa "coisa" do governo achar que realmente a gente tem que ter ajuda. Tem que ter mais gente dentro da escola, né?
	Repensar as relações entre escola e políticas públicas.	Política pública de educação e saúde laboral.	O governo nos culpa. Diz que funcionário público não trabalha e faz corpo mole, tem regalias. A gente vem adoecendo dentro desse processo todo. A gente adoecce do corpo e da mente. E isso também sucateia o Ensino. Esse monte de criança, esse monte de adolescente junto, esse monte de defasagem e você não tem folha de sulfite pra fazer um trabalho diferenciado. Se quiser, tem que comprar com dinheiro do próprio bolso.
	Discutir os impactos econômicos, sociais, emocionais e intelectuais do genocídio negro e da política de encarceramento em massa na vida de crianças e adolescentes pobres.	Encarceramento em massa; Política antidrogas; Genocídio da população negra; Racismo antinegro.	Obs: Diogo diz que vai ser traficante. Vai ter que estudar primeiro pra fazer as contas e anotar as vendas. Família que tem pai e mãe dentro de casa tem mais estrutura econômica e emocional.

	Discutir a relação entre políticas públicas de segurança e violência	Governo necrótico; Racismo; Segurança pública; Direitos Humanos.	A cor negra é uma cor alvo. Governo incentiva o assassinato de pessoas negras. Obs: Genivaldo e a câmara de gás.
	Problematizar o mês da Consciência Negra.	apropriação cultural; Exotização; Racismo; Desencanto;	Governos não fomentam a discussão racial. Obs: Em novembro, um monte de professora se “fantasia” de negra, pagando de antirracista pra, no resto do ano, chamar as colegas de kisuco de fumo e os alunos de “sem futuro”.
	Discutir o racismo no cotidiano escolar.	Frases e apelidos racistas ouvidos na escola. Desencanto.	Kisuco de fumo. Deixa ele pra lá. Cabelo duro. Fedida. “Ah, ela é assim mesmo.” A família dele é assim mesmo, é um bando de maloqueiro, né? Chuta que é macumba “Essa menina aí ô, essa aí vai dar pra todo mundo! Essa aí vai ter nada não, vai ser que nem a mãe dela. Vai ter um monte de filho e que se dane ela.” Isso é mimimi.
	Como lidar com o fim do mundo.	Lei 10.639; Colorismo; Cotas raciais.	É o fim do mundo. É uma luta inglória. A gente fica o tempo todo lutando contra o racismo. Pra piorar: Professores negros nem sempre são antirracistas; Nem sempre são a favor de cotas; Nem sempre sabem que são.
	Reencantamento	Argumentos de autoridade Indignação Resiliência Orgulho de ser negra	Obs: Mimimi é o caralho



VIVOS





Diário de Professora Mariana

	Professora M. Capão Redondo.	Disciplina: Educação Física	10 anos de carreira
Aula	Atividade/objetivo	Conteúdos	Anotações
	Ser professora	Autorretrato	Minha família é de profes, mas ser professora nunca foi minha primeira opção. Eu queria ser psicóloga, mas a nota de corte do ENEM é muito alta... Acabei indo pra educação física, passei num concurso e vim trabalhar na mesma escola em que estudei.
	Fazer diferente	Década de 1990: epidemia de homicídios nas periferias. Violência, desigualdade econômica e vulnerabilidade social. Educação e transformação social. O peso do exemplo.	No meio daquele caos, voltar pra mesma escola que estudei... tive muita vontade de, através da educação, querer transformar as coisas. Querer ser uma professora e fazer diferente... Eu consegui sair das estatísticas, de uma escola super violenta, de um bairro super periférico e voltar como professora.
	Frustrar-se	Processos de privatização e sucateamento do ensino Ação individual como contraponto	Dai veio a frustração: principalmente pelo sistema que privatiza e degrada a escola pública, a educação pública, né? Não atende mais vários requisitos. Comecei a fazer pequenas coisas, pequenos movimentos, pequenas ações que talvez tiveram uma incidência local. Como coordenadora eu consegui, talvez um pouco mais do que na sala de aula, porque o impacto é um pouco maior. Mas quando eu sai, eu percebi que teve mais uma coisa de impulso individual porque eu sai da coordenação num dia, no outro dia a escola, literalmente, já estava trancada pra comunidade, pra rede. Então aí é a frustração de que não basta só um desejo individual, é muito mais complexo.
	Leitura Crítica	Filme Bee Movie; Entre a luta e o desencanto.	Não é simples transformar um sistema em que todo mundo já se enquadrou. O próprio sistema condiciona a achar que não tem mais jeito e gente que é boa acaba se cansando. Continuam lutando. Enquanto a gente tá vivo, a gente continua lutando. Mas cansa.
	Compreender a evasão escolar	Desigualdade social; Racismo; Trabalho infanto-juvenil.	Evasão escolar: problema histórico no país. Vulnerabilidade social dificulta aprendizagem e gera defasagem idade/ano. Pobreza e trabalho infanto-juvenil colaboram com a evasão. Diminuição de oferta de escolas noturnas e de EJA. Aumento das escolas de tempo integral. Meninas-mães, negras e negros evadem mais. É o perfil básico. A raça perpassa por isso. A maioria das vezes que a gente observa, quanto mais vulnerável a família, mais negra ela é.
	Desmonte da educação pública	Plano de carreira docente; Insalubridade; Precarização da profissão.	Professoras não podem adoecer por mais de 30 dias ou perdem direito a parte do seu salário. Cada dia mais pessoas sem formação docente são contratadas, de forma precarizada, para dar aulas nas escolas estaduais.
	A culpa é dos pretinhos	Racismo em ambiente escolar.	A escola é um lugar bem racista. Os meninos negros são sempre desacreditados... Se tem uma situação de drogas na escola, quem é o primeiro a ser acusado? Tudo aquilo que a sociedade reproduz em relação ao racismo, a escola é o primeiro portal. De qualquer lugar que você perguntar, a escola reproduz as estruturas racistas que a gente vive. São os meninos pretos quem vai mais pra diretoria. Quando o menino é de medida socioeducativa então, ele nem é mais ser humano.

	Estudo de cas.	Racismo; Solidariedade; Enfrentamento ao racismo.	Houve o roubo de uma caneta na escola. Um menino negro, que nem cumpria medida socioeducativa, foi o primeiro a ser acusado. Eu disse a ele: "Você tá entendendo que existe racismo, que você é preto, que nós somos pretos e que o mundo é cruel mesmo, a gente tem que criar formas de enfrentamento pra isso, né?"
	Estudo de caso	Como a escola trata meninos negros?	Eu já tive um caso do policial que agrediu um aluno negro na escola. Ele era negro e cumpria medida socioeducativa. Eu tentei resolver: fui no CMDCA, no CONDECA, mas quando chegou no batalhão pra conversar, o batalhão falou assim: "Você está ameaçando o meu policial?". Assim, uma coisa bem intimidadora. Aí a gente teve que deixar pra lá porque o menino morava no bairro e podia sofrer coisa muito pior em retaliação por ter reclamado de ser agredido.
	Estudo de caso	Como a escola trata meninos brancos?	Um menino de pele branca, chamado Alan, tinha o hábito de andar com uma faca na bolsa. A única coisa que a direção fez foi conversar e falar pra não andar armado na escola. Mas se fosse um menino negro ele teria sido responsabilizado e estaria até hoje respondendo a processos... isso se não tivesse sido expulso da escola.
	Estudo de caso	Gravidez na adolescência e evasão escolar; Machismo.	Vergonha; Julgamentos; Não ter com quem deixar o bebê.
	Análise: impactos da pandemia na saúde mental e na evasão escolar	Pandemia, adoecimento mental, uso de drogas e evasão escolar	Obs: Aumento do uso de drogas da criminalidade da depressão das crises de ansiedade.





III Diário de Sandrielle

23 de março de 2022

Amigo diário, hoje eu acordei mais cedo que o passarinho na gaiola do vizinho. Só que ele cantou e eu fiz silêncio: quinze minutos antes de a bebê acordar e chorar pela mamadeira.

Hoje também é dia de consulta. A bebê passa praticamente quatro dias por semana no posto. No posto, em hospital, com psicóloga, com pediatra... por causa da mãozinha dela que tem má formação.

O Mãe Paulistana tem crédito ainda, pra sorte do meu humor que não vai precisar mudar. Não vou ter que pedir esmolas ao pai, nem aguentar a perguntação: "Pra onde vai? De novo?"

Tenho paciência não.

Vivi tem deficiência, assim como meu irmão e minha mãe, que tem uma perna menor e mais fina que a outra. Só eu que não tenho nada, apesar dos 5 graus na vista.

Essa noite eu sonhei com a escola. Sonhei que voltava ao primeiro dia de aula aqui na cidade de São Paulo e as crianças me chamavam de oxente, passa-fome e cabelo



duro. Demorei pra entender que era comigo. No sonho eu tava no pátio, no recreio, sabe? E uma menina, de cabelo liso, olhava pra outra e falava "Oxente! Não fui eu não!". De repente, a escola inteira estava me olhando e gritando: Oxente! Oxente! Oxente! E apontando pra mim.

Acordei com uma angústia no peito. Uma vontade de descer o pau naquela gente toda. Vontade de mostrar que duro não é meu cabelo... duro é o cacete que eu vou dar nesse povo infeliz.

Mas tô sem tempo pra pensar em vingança. O relógio não pára e a bebê já já acorda querendo seu tetê.

24 de março de 2022

Meu amigo diário, meu padraсто já saiu pra trabalhar e só minha mãe vai ficar em casa hoje.

Sabia que faz três anos que eu deixei a escola? Na época eu tinha 20 e ainda não tinha bebê. Mas minha mãe ficou doente, com tipo uma lama no fígado... e eu tive que trabalhar pra sustentar a casa.

Como não consigo voltar pra escola, vou tentar o ENCCEJA que é só uma prova e eu elimino isso aí.

Sabe, amigo, desde que eu comecei a trabalhar, fica cada dia mais difícil estudar. E olha que eu trabalho desde os 10 anos! Eu vendia coxinha na feira, eu vendia roupa, eu vendia fruta... Quem aparecesse pra mim falando assim "Você ganha dez reais", eu tava indo.



Mas foi com 14, quando mainha perdeu o emprego e eu tive que assumir a casa sozinha, pela primeira vez, foi aí que a escola perdeu espaço no meu dia.

Escola agora só mesmo nos meus sonhos: de terminar, de fazer cursos novos, de matar essa sede que eu sinto. E também nos pesadelos...

Outro dia, por exemplo, sonhei que eu tava na Bahia. No sonho, minha mãe ainda morava lá e planejava vir pra São Paulo. Só que em vez de escolher meu irmão pra vir morar com ela, ela me escolhia. Mas, no lugar de ficar feliz, eu só conseguia escutar o choro do meu irmão sendo deixado pra trás. Quando o ônibus deu partida eu olhei pra ele e vi nosso assum preto botando um ovo branco no cabelo grande dele e se preparando pra chocar. Daí eu acordei e, na vida acordada, eu tive que esperar por dez anos até mainha voltar e me levar pra eu ser a dona do mundo no sudeste.

E eu fui.

25 de março de 2022

Sabe, diário, continuando com essa história da escola, as crianças até podiam me chamar de oxente. Mas eu também descia o coro em troca.

As professoras, a diretora, até tentavam me acalmar com doces e agradinhos, mas eu me tornei agressiva, dentro e fora



da escola. Lá eu era a grandona no meio da turma, porque quando cheguei, me botaram pra fazer uma prova e eu, que tava indo pra quinta série, tive que voltar pra terceira.

Sem contar que queriam que eu fosse mais "menininha"... deixa dar o menininha na cara deles!

28 de março de 2022

Amigo diário, desculpa falar tanto da escola... mas eu acho que ela, apesar de ter me ajudado um pouco, foi ela que zuou minha vida. De lá só se salva a Arlete. Essa professora, eu levo ela pra todo lugar da minha vida, porque ela me defendia de todos.

Mas mesmo assim, quando começavam a falar da minha natureza lá da Bahia, do meu jeito de vestir, do meu jeito de falar, me chamar de cabelo duro, de morta de fome, de analfabeta... eu enchia mesmo o saco e batia em todo mundo.

Eu tenho dificuldade de aprender porque eu acho que eu não sou capaz, sabe? E quando a Arlete saiu da unidade infantil e eu tive que ir pra maiorzinha, aí eu tive que lidar com um monte de professora agressiva: "Você vai aprender, você tem que aprender, tem idade já pra aprender" - elas diziam.

Eu sempre tenho sede de conhecimento. Só que às vezes a situação não permite e eu tenho muita dificuldade pra aprender ainda. E olha que eu me esforço muito...

Deve ser por isso que eu ainda tenho pesadelos com a escola, né?



30 de março de 2022

Amigo diário, hoje eu acordei com saudade dos meus 14 anos. Acho que é porque foi quando eu comecei a trabalhar no McDonalds. Na época, eu tinha que fazer um curso de gastronomia.

Eu lembro que o curso era lá na Vila Mariana e eu tinha que ir sozinha porque minha mãe não conseguia por causa da perna dela. Então eu tinha que sair de casa umas seis horas pra chegar lá às nove. Eu gastava mais tempo no transporte do que no trabalho. Chegava acabada e não tinha vontade de ir pra escola.

Mas o curso era bom. Eu gostei tanto que depois fiz gastronomia avançada.

Ontem minha mãe tava chorando aqui, lembrando de quando ela perdeu o emprego, tentou se aposentar, não conseguiu e eu tive que ir trabalhar. Ela sempre chora porque ela queria guardar dinheiro pra mim e pro meu irmão, na nossa conta poupança, mas aí a empresa faliu, ela raspou nossa poupança e todo o dinheiro que eu ganhava tinha que ir pras mãos dela, pra sustentar a casa inteira: ela, eu e meu irmão.

Depois que eu fui mandada embora, foi o bolo de pote que minha mãe e eu fizemos que salvou a gente de morrer de fome. Os bolos e meu padrasto, que é porteiro.

Mas vou parar por aqui porque a neném tá chorando e hoje tem bolo de monte pra fazer, embalar e vender.



02 de abril de 2022

Hoje à tarde recebi uma ligação do hospital, marcando a cirurgia da minha filha pro mês que vem. Se der tudo certo, em junho, julho, no máximo, eu vou ter terminado o segundo. Até o final do ano eu termino a escola.

Quando eu tentei ficar sem trabalhar pra ter mais tempo pra estudar, meu irmão mais velho é que ficou responsável pela casa. Mas ele não fazia como eu, não dava todo o dinheiro que precisava. Comecei a ficar triste porque ninguém vive só de arroz e feijão.

Aí não teve jeito, a pretinha aqui teve que recomeçar a vender coxinha na feira. Então muitas vezes eu chegava morta e eu tinha que acordar quatro horas da manhã pra poder chegar na abertura da feira e dar o café da manhã pra todo mundo.

Eu saía de lá e às vezes eu conseguia ir pra escola, às vezes eu não conseguia. Porque eu acordava quatro horas, fazia o café, saía pra vender, chegava cinco horas da tarde, tomava banho, ia pra escola. Na maior parte dos dias eu preferia ir dormir do que ir pra escola.

12 de maio de 2022

Amigo diário, hoje faria três anos de namoro, se eu ainda namorasse com o pai da bebê. Até que foi bom enquanto durou, mas com minha mãe deprimida e com ele indo morar lá naquele



apartamento, longe, achei melhor ficar perto da minha mãe, pra poder continuar ajudando ela com os bolos.

Mês passado minha bebê fez um ano. Pelo menos o bolo a gente aqui garantiu.

Quando eu engravidei dela, ainda tentei ir pra escola, mas descobri que era uma gravidez de risco e não deu bom.

Também não adiantava muita coisa: de manhã não dava pra estudar porque tinha que vender café da manhã. À tarde não tinha aula. À noite eu sempre chegava atrasada e não podia. Quase nunca tinha professor. O EJA não dá direito a bilhete único... melhor ficar em casa, descansar pra ganhar a vida trabalhando, né não?

29 de maio de 2022

Amigo diário, agora deu.

Mainha continua deprimida, mas eu preciso estudar, trabalhar, ganhar a vida.

Eu ontem falei pra ela: "Vamos fazer o quê? A senhora tá voltando com a depressão, eu estou sem ir pra escola, vamo aproveitar isso pra começar a pensar na gente e nos nossos estudos?".

Como eu trabalhava com comércio, eu sempre tive uma visão boa pra vendas. Aí a gente decidiu que ela vai vender Jequiti e Natura. Eu vou ajudar divulgando.

Hoje, também, eu vi um curso de boleira, acho que é uma



boa pra ela e meu padrasto pode pagar. Pena que ela acha que não tem capacidade...

Mesmo assim, vou criar uma lojinha no instagram. A gente vai começar a vender e vai dar tudo muito certo. Já deu. A gente não tá tendo uma renda certa, fechada, mas a gente consegue vender...

01 de junho de 2022

Amigo Diário,

Hoje, pela primeira vez desde que minha bebê nasceu, não ouvi o assum preto cantar. Acordei na mesma hora de sempre e fui preparar o tetê.

Deu quinze minutos e nada.

Depois fiquei sabendo que o vizinho resolveu tirar o bichinho da gaiola, pra lhe furar os olhos e fazer cantar melhor e mais bonito... e o assunzinho fugiu.

Não sei o que vai ser da minha vida ainda, mas vou seguir tentando e pronta pra voar assim que tiver uma mínima oportunidade, como o passarinho, meu despertador alado.

A **UNEafro** nasceu em 2009 e é uma organização do movimento negro brasileiro que tem como principal estratégia de mobilização e atuação, a promoção de núcleos de educação popular, os cursinhos comunitários. Hoje estamos organizados em 32 comunidades em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, além de trabalhos em diversos estados brasileiros com o Núcleo Virtual e os Comitês Antirracistas.

Nossa missão é tirar o corpo negro e pobre da linha do tiro, do contingente encarcerado pelo estado, da fila do hospital e dos números das estatísticas da violência e oferecer a eles perspectiva de futuro e vida também com a luta permanente nas ruas e reivindicando direitos nos espaços de representação.

Saiba mais em uneafrobrasil.org ou seguindo @uneafrobrasil em todas as redes sociais

REALIZAÇÃO:



APOIO:



EDITORA:

